



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto universitário de ciências religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARIA DO CASTELO PATRÍCIO DE OLIVEIRA

A Palavra de Deus num Horizonte de Comunicação e Relação
no Salmo 139 (138) e em 1Jo 4

Uma reflexão no contexto da UL1 do 6ºAno de
Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Sob orientação de:

Professora Doutora Luisa Maria Varela Almendra

Dra. Cristina Maria Ramos Cavalheiro de Sá Carvalho

Lisboa

2019

RESUMO

Este trabalho é apresentado em quatro Capítulos. Num primeiro Capítulo, debruço-me sobre os fundamentos para uma compreensão da dimensão dialógica da Bíblia, no Antigo e Novo Testamento. No segundo Capítulo, abordo o Salmo 138 (139), numa perspetiva de comunicação e relação entre Deus e o ser humano. No terceiro Capítulo, destaco como tema a perfeição da comunicação e da relação, segundo a Primeira Carta de S. João. Por último, no quarto Capítulo, faço uma apresentação e reflexão sobre a prática lectiva que desenvolvi, tendo em conta os alunos e a Escola em que se desenrolou. Concluo que este percurso e Relatório Final apontam para a atualização na minha vida e na minha prática letiva, da possibilidade que tive de aprofundar a Palavra de Deus num horizonte de comunicação e relação.

PALAVRAS-CHAVE

Deus, Jesus, Palavra, Ser Humano, Comunicação, Relação, Chamamento, Resposta

ABSTRACT

This study is presented in four Chapters. In the first Chapter, I focus on the foundations which comprehend the dialogic dimension of the Bible, in the Old and New Testament. In the second Chapter, I approach Salm 138 (139), from a perspective of communication and relationship between God and human beings. In the third Chapter, I highlight the subject of perfection of the communication and the relationship, according to The First Letter of Saint John. Lastly, in the fourth Chapter, I present a reflection on the teaching practice I developed, taking into account the students and School in which this practice was developed. I conclude that this path and Final Report point towards an update in my life and teaching practices, it shows the possibility I had to deepen the Word of God in the realm of communication and relationship.

KEYWORDS

God, Jesus, Word, Human Being, Communication, Relationship, Calling, Answer

SIGLAS

Aep – Agrupamento de Escolas da Parede

1Cor – Primeira Carta aos Coríntios

Dt – Livro do Deuterónimo

Ef – Carta aos Efésios

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

Ex – Livro do Êxodo

Gn – Livro do Génesis

Heb – Carta aos Hebreus

Lev – Livro do Levítico

Is – Livro de Isaías

Jb – Livro de Job

Jo – Evangelho de S. João

1 Jo – Primeira Carta de S. João

Jr – Livro de Jeremias

Lc – Evangelho de S. Lucas

Mc – Evangelho de S. Marcos

Mt – Evangelho de S. Mateus

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Rm – Carta aos Romanos

Sl - Salmo

1 Sm – Primeiro livro de Samuel

1 Tm – Primeira Carta a Timóteo

UL – Unidade Letiva

ÍNDICE

Capa

Resumo.....	2
Siglas.....	3
Índice.....	4
INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS PARA UMA COMPREENSÃO DA DIMENSÃO DIALÓGICA DA BÍBLIA.....	7
1. A dimensão dialógica no Antigo Testamento.....	8
1.1. A Humanidade na sua génese.....	8
1.2. A narrativa do Dilúvio.....	11
1.3. A figura bíblica de Abraão.....	13
1.4. A narrativa do Êxodo.....	14
1.5. A figura bíblica de Samuel	16
1.6. A figura bíblica de Job	17
1.7. O testemunho do Livro dos Salmos	19
1.8. O testemunho profético.....	22
1.8.1. Isaías.....	22
1.8.2. Jeremias.....	23
2. A dimensão dialógica no Novo Testamento.....	24
2.1. Jesus proclama as Bem-Aventuranças.....	24
2.2. Jesus alimenta a multidão.....	25
2.3. Jesus condena o farisaísmo.....	26
2.4. Diálogos e encontros pessoais.....	27
2.4.1. Jesus e Zaqueu.....	27
2.4.2. Jesus e a mulher samaratina.....	28
2.5. Diálogos de Jesus com os discípulos (Jo 15, 1-17).....	29
CAPÍTULO II – O SALMO 139 (138) NUMA PERSPETIVA DE COMUNICAÇÃO ENTRE DEUS E O SER HUMANO.....	30
CAPÍTULO III –A PERFEIÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DA RELAÇÃO SEGUNDO 1JO.....	35
CAPÍTULO IV – LECCIONAÇÃO.....	39
1. Ensinar e aprender em EMRC.....	39

2. A Escola e a turma onde se desenrolou a PES	42
2.1.A Escola Básica de Santo António da Parede.....	42
2.1.1. Descrição física e geográfica.....	43
2.1.2. Enquadramento legal do agrupamento de Escolas da Parede.....	43
2.1.3. Matriz Sociológica do Agrupamento de Escolas da Parede.....	44
2.2.Escola e população discente.....	46
2.3.Caraterização da Turma do 6ºAno de EMRC.....	47
3. Leccionação da disciplina de EMRC	49
3.1.Caraterização psicológica dos alunos do 2ºCiclo.....	50
3.2.Escola e EMRC: teórica e prática.....	51
4. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada	51
5. U L 1 do Programa de EMRC do 6ºAno: “A Pessoa Humana”	53
5.1.Metas e objetivos da UL1 do 6º Ano de EMRC: “A Pessoa humana”.....	53
5.2.Conteúdos correspondentes às metas e objetivos da UL1 do 6ºANO.....	54
5.3.Reflexão sobre a leccionação.....	54
6. A leccionação da Unidade Letiva 1 do 6ºAno	56
6.1.Aula 1.....	57
6.2.Aula 2.....	58
6.3.Aula 3.....	59
6.4.Aula 4.....	60
6.5.Aula 5.....	61
6.6.Aula 6.....	62
6.7.Aula 7.....	63
6.8.Aula 8.....	64
6.9.Aula 9.....	65
7. De regresso à leccionação – diferenças na Planificação	67
7.1.Aula dois.....	67
7.2.Aula três.....	68
7.3.Aula cinco.....	69
7.4.Aula sete.....	70
CONCLUSÃO	71
BIBLIOGRAFIA	73
ÍNDICE DE ANEXOS	79
ANEXOS	80

A PALAVRA DE DEUS NUM HORIZONTE DE COMUNICAÇÃO E RELAÇÃO, NO SALMO 139 (138) E EM 1 JO 4

INTRODUÇÃO

A natureza da Palavra de Deus foi a razão pela qual decidi estudar o tema da relação e da comunicação. Dada a abrangência destes campos, focalizo o meu estudo, tratando esta temática através de uma exemplificação concreta de dois textos: o Salmo 139 (138) e 1Jo 4, 7-21. Tive sempre presente a intenção de os trabalhar com os alunos, em contexto de sala de aula. Estes textos integram o programa do 6º Ano de escolaridade (Unidade Letiva 1, “A Pessoa humana”) a qual lecionei no ano lectivo 2016-17, na Escola de Santo António, na Parede, integrando a Prática de Ensino Supervisionado.

Reconheço a importância dos autores do Manual do 6º Ano, no modo como abordam estes dois textos que representam, no fundo, os dois campos de síntese de ambos os Testamentos, os quais se entendem como um todo. “ (...) O próprio Novo Testamento se diz em conformidade com o Antigo e proclama que, no mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo, encontram o seu perfeito cumprimento as Escrituras Sagradas do povo judeu.”¹

A perspectiva de Vaz [“Eu compreendo um texto bíblico quando *me aproprio* dele e capto o seu alcance para mim..., quando me deixo *explicar* e compreender por ele e diante dele...; quando sinto a minha vida agarrada e questionada pela mensagem e susceptível de ser transformada por ela...; quando assumo que o texto bíblico foi escrito para mim, me afecta a mim; e que aquilo de que fala é *assunto meu*.”²] ilustra bem o objetivo do texto bíblico, do modo em que me proponho abordá-lo. A relação com Deus alimenta-se, cresce, fortalece-se e expande-se com o texto bíblico, com a comunicação que se gera a partir dele, entre Deus e a pessoa humana. A Bíblia é, pois, fundamental nessa relação, e como meio de comunicação privilegiado entre as duas partes. Neste sentido, concordo com este autor quando afirma: “Assim, na medida em que os sacramentos significam e são um encontro com Deus em Cristo, a leitura da Bíblia tem analogias com os sacramentos, sem ser mais um, em sentido estrito (nos sacramentos,

¹ BENTO XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini*, nº 40, Paulinas Editora, Lisboa, 2010.

² A. VAZ, *Palavra viva, Escritura Poderosa, A Bíblia e as suas linguagens*, Universidade Católica Editora, Lisboa 2013, p.441.

além da palavra há uma realidade que realiza realmente o que significa simbolicamente). (...) A Escritura é sacramento da comunicação de Deus.”³

Ainda nesta linha de pensamento, ocorre-me citar Tolentino Mendonça: “O autor e o leitor encontram-se e o lugar do encontro é o texto. A sua leitura implicará sempre o retomar do processo de comunicação original”⁴. Creio que é fundamental partir deste ponto, antes de nos aproximarmos de qualquer texto bíblico, tal como o afirma este autor: “Este fecundo diálogo entre autor/leitor na geração e na atualização do texto, está presente no texto bíblico e na leitura da Bíblia”.⁵

É esta comunicação que procuro levar aos meus alunos através das diversas formas de abordagem de cada texto bíblico apresentado.

I – FUNDAMENTOS PARA UMA COMPREENSÃO DA DIMENSÃO DIALÓGICA DA BÍBLIA

Introdução

A dimensão dialógica é transversal a toda a Escritura. Assim sendo, focar-me-ei diretamente nesta dimensão, procurando a compreensão do diálogo que Deus estabelece com o ser humano, de diferentes formas, em diferentes épocas e em diversos moldes.⁶ Este aspeto é reconhecido, tanto por biblistas como por autores das mais diversas áreas.⁷

³ A. VAZ, *Palavra viva, Escritura Poderosa, A Bíblia e as suas linguagens*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013, p.96.

⁴ T. MENDONÇA, “Toda a Bíblia é comunicação”, *Bíblia e comunicação*, Lisboa, Ano 2, nº2, (maio de 94), p 50.

⁵ T. MENDONÇA, “Toda a Bíblia é comunicação”, *Bíblia e comunicação*, Lisboa, Ano 2, nº2, (maio de 94), p 50.

⁶ Cf. BENTO XVI, *Verbum Domini*, 22: “Assim, Deus torna cada um de nós capaz de *escutar e responder* à Palavra divina. O homem é criado na Palavra e vive nela; não se pode compreender a si mesmo se não se abre a este diálogo”

⁷ “O Deus apresentado em Jesus Cristo comunica-se. Da mesma maneira que dizemos com S. João «Deus é amor», podemos também dizer «Deus é comunicação». Quem ama tem necessidade de comunicar ao amado a própria vida, tudo o que é e tudo o que tem e espera dele acolhimento e resposta. Quando assim acontece, a comunicação torna-se fonte de alegria sem fim.” in L. ROCHA E MELO, *Se tu soubesses o dom de Deus*, Co-edição Fundação Ajuda à Igreja que sofre, Editorial Apostolado da Oração, Fevereiro de 2006, pg. 43.

1. A dimensão dialógica no Antigo Testamento

Procurarei tecer um breve comentário a alguns excertos de textos bíblicos que exemplificam esta mesma dimensão dialógica. Eles não esgotam, de modo algum, todos os momentos de diálogo e encontro explícitos no Antigo Testamento.

1.1.A Humanidade na sua génese

Em Gn 1, encontramos um relato da criação, em que o ser humano é o último a ser criado por Deus, no sexto dia. No primeiro dia, Deus separa a luz das trevas; no segundo, o firmamento e as águas; no terceiro, a terra seca e as plantas; no quarto, o sol, a lua e as estrelas; no quinto, os peixes e as aves, no sexto, os animais na superfície da terra e, finalmente, o homem.

^{9*}Mas o SENHOR Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?» ¹⁰Ele respondeu: «Ouvi a tua voz no jardim e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu.» ^{11*}O SENHOR Deus perguntou: «Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi comer?» (...) ²¹O SENHOR Deus fez a Adão e à sua mulher túnicas de peles e vestiu-os. ²³O SENHOR Deus expulsou-o do jardim do Éden, a fim de cultivar a terra, da qual fora tirado. ^{24*}Depois de ter expulsado o homem, colocou, a oriente do jardim do Éden, os querubins com a espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da Vida. (Gn 3, 9-11.21.23)

A relação que Deus estabelece com o ser humano é diferente da relação que tem com o resto da criação – o homem tem especial relevo e protagonismo, sendo-lhe concedido o domínio do todo o resto. É significativo o facto de que ele é imagem de Deus, enquanto casal, o que demonstra a igual dignidade e a complementaridade de ambos – homem e mulher. Em Gn 2, é mais notório como Deus envolve e responsabiliza o homem. Em meu entender, sobressai aqui, de um modo particular, a confiança que Deus deposita no ser humano, ao responsabilizá-lo, fazendo-o participante do processo da criação. O homem é colocado como interveniente direto na criação de um mundo inacabado, que ele é chamado a continuar. A explicação do que existe, daquilo a que o homem pode aceder e aquilo em que não deve tocar revela total confiança de Deus no ser humano – a árvore e a ordem que Deus dá, em conjunto, definem os limites da criatura. Abster-se de comer é o reconhecimento das limitações e a aceitação da vontade de Deus, na verdade da vida humana. Ao definir estes limites,

Deus não manifesta qualquer preocupação de que o ser humano não os respeite, vindo-se a exaltar às suas custas⁸.

Deus, em comunicação com o ser humano, surge dando-lhe responsabilidade, não só de manutenção e preservação, mas de desenvolvimento intra-criacional, fazendo com que o mundo evolua o mais possível, em direção ao seu pleno potencial.⁹ Atentando no relato da criação do paraíso, entende-se ser este um processo altamente dinâmico, em que o envolvimento do ser humano antevê um futuro que deixa várias possibilidades em aberto. A comunicação de Deus com o homem é diferente da comunicação com o resto da criação. Deus envolve e responsabiliza o homem – dá-lhe um relevo especial e diferente, relativamente a todo o resto. Sobretudo, é importante frisar que o primeiro discurso de Deus aos humanos não se centra no lugar de Deus no mundo, mas antes se foca nas criaturas, no seu lugar e papel, e nos bens que lhes são dados. Deus avalia a situação e entende que não é conveniente o homem ficar sozinho. Isso deve estar certamente relacionado com o facto de o próprio Deus não ser sozinho.¹⁰ Será algo que nos aponta para a realidade de o próprio Deus ser comunidade, ser família, ser em conjunto. Por isso, Ele quer que o homem “seja com” alguém. Alguém que lhe é complementar. Não há aqui qualquer referência à reprodução, mas sim à totalidade que constituem o homem e a mulher – daí que se possa dizer que Deus fez o casal/casamento parte da criação e que a sexualidade é uma realidade “muito boa”, pois que faz parte dessa mesma criação de Deus.

A ordem dada por Deus ao ser humano indica o papel importante que a lei desempenha numa realidade anterior ao pecado; ela é uma parte integrante da ordenação da criação. Ser criatura implica limites e respeitar os limites é necessário para que a criação evolua como Deus deseja. Estamos, também, perante o outro lado da confiança – a confiança que o ser humano deposita em Deus e na Sua palavra. Vai ser este o cerne do desenrolar dos acontecimentos.

Considero haver aqui uma referência muito importante – a referência à morte. A morte significa, neste caso, exclusão. Exclusão da comunhão com Deus, expulsão do

⁸ Cf. T. E. FRETHEIM, “Genesis 2: 4-25, Another look at Creation”, Volume I, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, p. 351.

⁹ Cf. M. ALEXANDRE, *Le commencement du livre Gènesse I-V, La version greque de la Septante et sa réception*, Editions Beauchesne, 1988, pg 227; Cf. Volume I, *The New Interpreter's Bible*, org. Leander E. Keck, Abingdon Press, Nashville, 1994, pg 349.

¹⁰ Cf. T. E. FRETHEIM “Genesis 2: 4-25, Another look at Creation”, Volume I, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, p. 352.

jardim de Deus. É um golpe profundo na relação do homem com Deus, na comunicação entre ambos, que vem da não aceitação dos limites marcados por Deus, em relação ao exercício correto do poder. A morte significa quebra nas relações com Deus, com o outro, com a ordem da criação.

Deus não “finge” que quer a colaboração do ser humano. Ele quer mesmo – os seus talentos são para se desenvolver na prática – é este o caminho, sermos co-criadores com Deus. Este facto faz com que a relação de Deus connosco seja de uma imensa proximidade.

Deus conduz uma espécie de inquérito judicial. Não se debruça sobre o medo ou sobre a vergonha, mas sobre a nudez. O ato de os vestir aponta para a salvação. Deus cobre a sua vergonha e vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, este ato reconhece continuidade na relação. O amor de Deus mantém-se, apesar do pecado do homem. É criativo, pois adapta-se a novas formas de o ajudar/acompanhar – veste-o. Deus não abandona o homem. Deus não desiste do homem. No entanto, o versículo 23 demonstra que o paraíso na terra deixou de ser uma possibilidade.

O que me parece importante aqui é a qualidade das palavras que são dirigidas ao homem e à mulher. Deus não fala para acusar ou excluir, mas para perceber, seguir o caminho feito e intervir, de forma pedagógica e eficaz, acompanhando-os no seu percurso. Fala, questiona, reflete e age, mas sempre com o objetivo de elevar/reabilitar o ser humano. O diálogo de Deus com o homem dirige-se à sua verdade: ao assumir das suas próprias responsabilidades e ações. Tem intenção de perceber a razão das suas opções e de acompanhar o caminho que o possa conduzir à regeneração, ao recuperar da sua dignidade, para restabelecer relação com Ele, com o outro, com a criação. É o reconhecimento da verdade sobre si próprio, apesar de todas as curvas sinuosas que faz até lá chegar, que possibilita ao homem receber de Deus o vestuário. Cremos que este diálogo revela a preocupação constante e amorosa de Deus, que, como um Pai/Mãe extremoso, ao sancionar o filho, lhe faculta o necessário para continuar o caminho. Revela, também, a fragilidade do homem e o medo resultante da desconfiança de Deus que levou ao pecado mas que, ao vir ao de cima no próprio diálogo, abre caminho para vir a reatar a relação.

Toda a história de pecado revela que o ser humano vive num mundo onde as escolhas contam e Deus não programou a sua relação com os humanos.¹¹

¹¹ Cf. T. E. FRETHEIM, “Genesis 3: 1-24, The intrusion of Sin”, Volume I, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, Pgs. 364-365

Esse objetivo mantém-se, prolonga-se ao longo das narrativas que se seguem.

1.2. A narrativa do Dilúvio

O trecho que se segue é, no meu entender, bem representativo do diálogo que Deus estabelece com Noé, manifestando a Sua posição, relativamente à evolução da humanidade.

⁸_{20*}Noé construiu um altar ao SENHOR e, de todos os animais puros e de todas as aves puras, ofereceu holocaustos no altar. ²¹O SENHOR sentiu o agradável odor e disse no seu coração: «De futuro, não amaldiçoarei mais a terra por causa do homem, pois as tendências do coração humano são más, desde a juventude, e não voltarei a castigar os seres vivos, como fiz.» Gn 8, 20-22

Os diálogos de Deus com o ser humano são reveladores do Seu amor e do modo como este se expressa. O ato criador pede ao ser humano colaboração ativa na evolução da criação, ao mesmo tempo que lhe pede o reconhecimento dos seus limites, como criatura. Não lhe retira nada da liberdade com que é criado, liberdade essa que faz parte intrínseca do seu ser à imagem e semelhança do próprio Deus, expressa na complementaridade do homem e da mulher. A evolução negativa das relações humanas é sinal de que essa liberdade é real e faz parte da criação de Deus. O desgosto e tristeza que provocam a intervenção de Deus são, simultaneamente, reveladores do Seu coração de Pai/Mãe que entram na vida dos filhos, para os acompanhar e lhes dar hipótese de reabilitação. Ao mesmo tempo, o Dilúvio parece-me um exemplo extraordinário (que aponta bem para a futura Encarnação de Jesus) da fidelidade de Deus à humanidade (ao amor), envolvendo-Se e modificando a Sua própria atitude, relativamente ao evoluir de toda a criação. Observamos um Deus Pai/Mãe que, como bom educador, quer viver desde o interior com o desenrolar da história de toda a criação, a partir das opções do ser humano, sejam elas quais forem.

Noé é um homem justo num mundo injusto. Deus vai-lhe indicando o que pretende dele, através de várias ordens sucessivas que Noé vai executando, obedientemente. A primeira é construir a arca; a segunda é entrar na arca; a terceira é sair da arca e a quarta é o estabelecer de uma aliança de bênçãos e de paz. A obediência de Noé, a sua fidelidade é, aqui, o ponto de ligação na manutenção da relação que Deus quer continuar a estabelecer com a criação.

Não nos podemos esquecer de ter em conta que esta narrativa bíblica do Dilúvio nos mostra como o comportamento do ser humano tem impacto a nível ecológico.

Devido ao seu comportamento negativo, toda a criação é afetada, submergida. O ser humano continua a ser aquele a quem Deus deu o poder/responsabilidade de dominar o resto da criação. Ao usar mal esse poder, daí advêm consequências nefastas. Este é um ponto que é particularmente significativo para qualquer pessoa que, nos dias de hoje, esteja minimamente a par da realidade do mundo em que vivemos, onde a ecologia está na ordem do dia, precisamente pelo dano causado à criação pelo ser humano.

No exemplo que escolhi, creio ser particularmente significativo o facto de Noé, não só responder às interpelações de Deus com a sua obediência, mas continuar essa resposta, através do sacrifício, sendo que é o seu “agradável odor” que suscita de Deus a afirmação de que não mais voltará a castigar os seres vivos do mesmo modo. Deus, no fundo, afirma a importância da fidelidade do justo. Também se revela, neste ponto, a grandeza do Seu coração, que não é, de modo nenhum, proporcional à maldade dos homens, mas a própria maldade suscita o Seu acompanhamento. Ele fica com os homens e acompanha-os, porque precisam. Mais uma vez, Se revela como um Pai/Mãe carinhoso e, sobretudo, sempre presente na vida dos Seus filhos.

No episódio do Dilúvio, há uma revelação do coração de Deus, como Pai sofredor e desgostado, aflito com o que acontecera, não como juiz. Está desapontado com o que se passou, com a ação que vem de uma visão humana egoísta e centrada em si própria. No entanto, não fica indiferente com uma relação remota com o que aconteceu, mas entra pessoalmente e trabalha do interior, através de Noé, cuja fidelidade na relação a Deus, Lhe proporciona um canal, através do qual Ele pode começar de novo.

A totalidade da relação de Noé com Deus (não só o sacrifício) medeia a nova relação de Deus com a criação.¹² As bênçãos dadas a Noé são a reafirmação incondicional das bênçãos originais em Gn 1¹³. O dilúvio tipifica a inviolabilidade das promessas de Deus. Não efetuou mudança na humanidade, mas efetuou, sim, uma mudança irreversível em Deus. Deus decide continuar com o mundo, suceda o que suceder com a fraqueza humana. Ele faz a promessa, não simplesmente apesar do fracasso humano, mas *porque* o ser humano é pecador. É por isso que Deus promete ficar com a criação. Se, por um lado, o ser humano é pecador, ele permanece imagem de

¹² Cf. T. E. FRETHEIM “Genesis 6: 5-8:22, The Flood: the Great Divide”, Volume I, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, pp. 389, 390, 393.

¹³ Cf. R. J. CLIFFORD, R. E. MURPHY, “The Flood and the Renewed Blessing”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 15.

Deus. Este texto tem também uma forte dimensão ecológica, pois o comportamento humano tem um impacto adverso na ordem criada. O facto de Deus Se ter lembrado dos animais está ligado ao facto de Ele se ter lembrado de Noé e o ter ido buscar¹⁴. Isto torna-se patente na promessa que Deus faz a Noé e depois se estende a todos os seres vivos.¹⁵

O Dilúvio é um extraordinário exemplo da aposta que Deus faz na criação e na humanidade. Não “porque é obra Sua”, mas porque ama. Esse amor revela-se na adaptação que faz às circunstâncias e na “não desistência” da Sua presença. Se, em Jesus Cristo, Deus Se revela plenamente como Pai, as características dessa relação com o ser humano manifestam-se já, claramente, nas afirmações que faz a Noé.

1.3. A figura bíblica de Abraão

Com Abraão, somos introduzidos numa nova característica do diálogo de Deus com aquele que escolhe, que se traduz no desafio para se pôr a caminho.

1-O SENHOR disse a Abrão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. 2-Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. 3Abençoarei aqueles que te abençoarem, e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.»4-Abrão partiu, como o SENHOR lhe dissera, levando consigo Lot. Gn 12, 1-4

Escolhi esta narrativa, por ser reveladora de vários aspetos a ter em conta nesta nova abordagem. Deus surge-nos sem apresentação prévia, de onde é, automaticamente, feita a ligação com o Deus criador do mundo, de toda a humanidade. Abraão representa aqui o Israel que vai surgir. Deus dá-lhe uma ordem imperativa e a sua resposta positiva surge como ação, realizando o que Deus lhe ordena. É uma resposta pronta, não calculista, e inteiramente confiante. Sinal dessa mesma confiança são os altares que constrói e que mostram o seu reconhecimento de que Yahweh é o Senhor da terra¹⁶.

As bênçãos, dom do Deus criador, estendem-se a todos, bem como as promessas, que lhes são complementares e apontam para a redenção¹⁷.

¹⁴ Cf. T. E. FRETHEIM “Genesis 6: 5-8:22, The Flood: the Great Divide”, Volume I, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, Pg. 395.

¹⁵ Cf. R. J. CLIFFORD, R. E. MURPHY “The Flood and the Renewed Blessing. *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 17.

¹⁶ Cf. R. J. CLIFFORD, R. E. MURPHY “The Flood and the Renewed Blessing” *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 20.

¹⁷ Reportam a ele as promessas associadas ao reinado de David (2 Sam 7:9; Sl 47:9; 72:17), profetas, com o tema das bênçãos das nações (Isa 19: 24-25; Jer 4:2) e, no Novo Testamento, vem a servir de base para a inclusão dos gentios na comunidade de fé (Act 3: 25; Gal 3:8). (Cf. T. E. FRETHEIM, “Genesis 11:27-

O diálogo de Deus com Abraão é um diálogo de início de caminho, que ele sabe será abençoado e é prometido que terá continuidade no futuro, mesmo para além de si próprio e da sua família. É a certeza de estar no interior de um desígnio que Deus estende no tempo e no espaço¹⁸.

Se bem que Abraão não viverá o futuro, a sua resposta terá influência nele. Deus promete-lhe uma nova comunidade com um novo nome; fá-lo-á uma grande nação, abençoá-lo-á, engrandecerá o seu nome e abençoará os que o abençoarem (amaldiçoando os que o amaldiçoarem). A resposta de Abraão é pronta e confiante de que Deus providenciará em ordem ao que pede. Não é calculista. É uma resposta pronta e ativa. É fiel. E abre o caminho ao futuro prometido por Deus.

Está aqui patente a virtude fundamental do crente que caminha ao longo das gerações históricas, que é a virtude da esperança.¹⁹ Olhando para este caminho, podemos bem perceber a imagem do caminho do cristão, um percurso cuja meta está para além daquilo que ele pode alcançar nesta vida e que só terá pleno cumprimento já para além da mesma.

1.4.A narrativa do Êxodo

Tendo sido criado como egípcio, numa altura em que os hebreus estavam como escravos no Egito, Moisés vem a descobrir a sua origem hebreia e, envolvendo-se na defesa de um escravo, acaba por matar um egípcio e ter de fugir. É quando está com a sua vida reconstruída, casado e estabilizado noutra sítio, que Deus escolhe revelar-Se-lhe, para o incumbir de libertar o Seu povo. O texto que escolhemos retirar deste livro é o diálogo em que Deus chama Moisés, para lhe atribuir depois uma missão. É um texto em que Deus Se revela e manifesta, ao mesmo tempo, a Sua santidade e a Sua proximidade. Se o diálogo de Deus com Abraão era o de início de caminho, o diálogo de Deus com Moisés é de percurso.

^{2*}O anjo do SENHOR apareceu-lhe numa chama de fogo, no meio da sarça. Ele olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devorada. ³Moisés disse: «Vou adentrar-me para ver esta grande visão: por que razão não se consome a sarça?»⁴O SENHOR viu que ele se adentrava para ver; e Deus chamou-o do meio da sarça: «Moisés! Moisés!» Ele disse: «Eis-me aqui!»⁵Ele

12:9, The Call of Abram”, Volume I, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, p. 426.)

¹⁸ Cf. G. RAVASI, *Guía espiritual del Antiguo Testamento, El libro del Génesis (1-11)*, Editorial Herder S.A. Barcelona, 1992. p. 210.

¹⁹ Cf. G. RAVASI, *Guía espiritual del Antiguo Testamento, El libro del Génesis (1-11)*, Editorial Herder S.A. Barcelona, 1992. p. 211.

disse: «Não te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa.»⁶*E continuou: «Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob.» Moisés escondeu o seu rosto, porque tinha medo de olhar para Deus. ⁷O SENHOR disse: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egípto, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspectores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos.» Ex 3, 2-6

Deus revela-Se aqui em dois momentos: primeiro através do arbusto que arde sem se consumir e, depois, através do chamamento de Moisés e do discurso. Aqui, notam-se três elementos: em primeiro lugar, a relação certa entre servo e senhor (através da resposta de Moisés: “Eis-me aqui”), em segundo, a santidade de Deus (“o lugar em que estás é uma terra santa”) e ainda a revelação da identidade do próprio Deus, no versículo 6.

A este, segue-se todo um diálogo em que Deus revela a Moisés e a Israel tudo o que precisam de saber sobre Ele. As expressões “vi”, “ouvi” e “conheço”, revelam que Israel é objeto da intensa atenção de Deus.

A ação libertadora de Deus do povo de Israel no Egito surge como resposta a um grito de socorro. É o sofrimento dos escravos que leva à ação. Deus intervém e o Êxodo transforma-se num empreendimento humano. Deus une-se mais uma vez à história humana, através do risco assumido pelo vulnerável Moisés, de quem agora tudo depende. Foi para mim interessante verificar a relutância de Moisés em assumir a missão que lhe é atribuída, por se fixar na sua manifesta incapacidade para a realizar. Ao mesmo tempo, esta relutância é objeto do seu diálogo com Deus, que lhe transmite a única segurança possível - “Eu estarei contigo.” (Ex 3:12). O convite e desafio à confiança expressa-se nesta frase. A fonte de confiança é Deus, não as forças ou capacidades humanas. O que é pedido a Moisés, mais do que tudo, é que entenda que é suficiente a sua pessoa estar plenamente acompanhada por Deus. Por outro lado, perante a objeção que Moisés apresenta a Deus, calculando ser a que será manifestada pelo povo, Deus só diz que é o Ser, a fonte da Vida – “Eu Sou Aquele que Sou.” (Ex 3:14)²⁰. O povo é convidado a começar a partir de um ponto diferente e em direção a uma possibilidade diferente. A cada ponto de resistência de Moisés, Deus responde com a segurança da Sua pessoa como garante.

O tema da vocação humana aparece aqui fortemente delineado. Se, por um lado, há um desígnio divino, por outro há uma vocação que não é imposta do lado de fora, mas corresponde à própria pessoa, entendida no seu todo. Podemos observar como no caso de Moisés a vocação vai inteiramente ao encontro do seu ser e do seu contexto. É

²⁰ Cf. R. J. CLIFFORD, Exodus (1:11-3:12) *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, pp. 46-47.

importante perceber em tudo isto a presença de Deus que conhece e chama pelo nome. Apesar de estar longe, numa vida discreta e aparentemente oculta, para Deus ninguém está verdadeiramente oculto. A vocação, o chamamento é particularizado porque já o temos em embrião dentro de cada um de nós. Deus vai-se revelando a cada um, segundo a natureza que lhe atribuiu. E a resposta pode ser maior ou menor, em generosidade. No entanto, uma resposta afirmativa não deixa de ter as suas questões e dúvidas, tal como Moisés as põe. É no meio da nossa humanidade que Deus comunica a Sua divindade, que Deus Se comunica e revela.

1.5.A figura bíblica de Samuel

Este Livro Histórico introduz-nos num momento de crise de Israel, apresentando Deus a chamar alguém para ser Seu instrumento na resolução dessa crise. Esse alguém é Samuel.

⁸Pela terceira vez, o SENHOR chamou Samuel, que se levantou e foi ter com Eli: «Aqui estou, pois me chamaste.» Compreendeu Eli que era o SENHOR quem chamava o menino e disse a Samuel: ⁹«Vai e volta a deitar-te. Se fores chamado outra vez, responde: «Fala, SENHOR; o teu servo escuta!» Voltou Samuel e deitou-se. ¹⁰Veio o SENHOR, pôs-se junto dele e chamou-o, como das outras vezes: «Samuel! Samuel!» E Samuel respondeu: «Fala, SENHOR; o teu servo escuta!» 1Sm 3, 8-10

Escolhi estes versículos, porque uma das principais características deste chamamento inicial de Samuel é o não reconhecimento do Senhor, necessitando de um intermediário (o sacerdote Eli), para perceber o chamamento. Será esse mesmo Eli que Samuel virá a substituir como autoridade da parte de Deus. A disponibilidade com que Eli apontou a Samuel o modo como deveria colocar-se diante de Deus é a mesma que vem a revelar mais tarde para aceitar ser substituído por ele, em virtude dos desvios dos seus filhos. Ao apercebermo-nos da importância de Samuel, somos interpelados pela importância da atitude de Eli, cuja docilidade nos dá um sinal da sua fé, em momentos difíceis, e o torna facilitador da missão que será atribuída a Samuel. O texto também nos fala de uma visão, introduzindo, assim, uma enorme proximidade neste chamamento, como um diálogo “tu a Tu”. Samuel é chamado por Deus num momento de crise religiosa, social e política em Israel – os filhos de Eli são corruptos, os Filisteus estão prestes a ameaçar a sobrevivência de Israel e as pressões sobre o reino estão a aumentar. Este livro lembra-nos da presença constante de Deus, nos inícios e finais da história humana. Estamos perante uma crise, que aponta um final, mas também augura um novo começo. Para este começo, concorrem vários elementos positivos que se aliam à vontade de Deus, que nunca desiste de agir. A persistência que aparece neste

chamamento inicial, neste diálogo de Deus com Samuel, é imagem da persistência de Deus em recuperar a humanidade, para a recolocar no caminho certo.

1.6.A figura bíblica de Job

Job emerge na narrativa como um exemplo de alguém que servia fielmente o Senhor. Era rico, saudável e tinha uma família feliz e foi posto à prova, perdendo progressivamente tudo o que tinha. Perante o que lhe sucede, Deus é questionado por Job, relativamente à sua vida. O serviço modelo de Job era baseado na fé. Uma fé que tinha sido suficientemente forte para resistir aos argumentos dos seus amigos, embora à custa de muita dor e luta. A noite escura termina e Deus digna-Se a deixar-Se encontrar por Job.²¹ Perante a interpelação que Deus lhe faz, em que, em vez de lhe falar da dor, o convida a olhar todas as maravilhas que fez por ele, temos esta resposta de Job, breve e clara.

42 ¹Job respondeu ao SENHOR e disse:^{2*}«Sei que podes tudo e que nada te é impossível.
^{3*}Quem é que obscurece assim o desígnio divino, com palavras sem sentido? De facto, eu falei de coisas que não entendia, de maravilhas que superavam o meu saber.⁴Eu dizia: 'Escuta-me, deixa-me falar! Vou interrogar-te e Tu me responderás.'⁵Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora vêm-te os meus próprios olhos.^{6*}Por isso, retracto-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinza.» Jb 42, 1-6

Este discurso de Job acentua o reconhecimento da sua pequenez, perante a grandeza de Deus, ao mesmo tempo que é revelador de uma enorme proximidade – o reconhecimento do diálogo e da visão. Simultaneamente fica claro que Deus conseguiu convencer Job da Sua presença, no meio do caos, no esquema da criação. O caos é um aspeto irredutível da criação que devemos considerar em qualquer experiência. Ele começa com uma confissão do poder efetivo de Deus e da Sua capacidade para criar. Arrepende-se, mas não dos seus pecados (um passo que os seus amigos queriam persuadi-lo a adotar)²². Aceita o julgamento de Deus sobre ter falado sem conhecimento nem compreensão. Consegue perceber, então, um mundo em que a vulnerabilidade da existência humana pode ser entendida, não como inimidade divina, mas como um caos

²¹ Cf. R. A .F. MACKENZIE; R. E. MURPHY,“Job’s final response” *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al.,The Bath Press Avon, 1996, p. 488.

²² Cf. R.A.F.MACKENZIE;R.E.MURPHY,“Job’s final response” *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al.,The Bath Press Avon, 1996, p. 488.

que é minimizado. Percebe que o sofrimento não é um sinal de rejeição de Deus. As suas palavras finais assinalam a sua apropriação da visão da realidade e natureza de Deus nos discursos divinos. A sua observação de que agora “vê” é a chave do significado da sua resposta a Deus.²³

Segundo Kohak, é importante o ser humano perceber o seu lugar na criação e que a dor não pode ser evitada, mas é um dom que ensina compaixão e abre à compreensão ao outro, em gratidão e amor.²⁴ A revelação de Deus, no meio e através do sofrimento, passa por uma relação de entrega e abandono que, quando existe, resulta na confiança reforçada e na certeza da Sua presença. Tudo é dom. Tudo é graça. Tal como as parábolas de Jesus, é um conto de prosa didática que, mais do que moralizar, procura ensinar.²⁵ Job aprende que os tempos de Deus não são os nossos e que as medidas de Deus não são as nossas. Deus fala com ele no tempo e sobre aquilo que Ele considera oportuno. Não está condicionado pela vontade humana. No entanto, revela que Se deixa alcançar e Se comunica àqueles que O buscam e perseveram na fé e no desejo de O encontrar. O diálogo entre Job e o Senhor é um diálogo que pressupõe a mediação dos sábios de Israel.

A estrutura do livro de Job chama-nos a atenção de que nem todas as coisas podem ser resolvidas; muitas delas são dilemas com os quais nós temos de continuar a viver.²⁶ Esse é, no meu entender, o grande ensinamento do Livro de Job – em vez de interpelar Deus, dizendo que temos um grande problema, olhar para o problema com a certeza de que temos um grande Deus, que está connosco incondicionalmente e é fonte contínua de vida e de graça. O veredicto do Senhor em 42:7 é de que Job falou acertadamente.²⁷ Com isto, temos um diálogo em que Deus confirma a posição de Job e, de certa forma, é uma manifestação de afeto e acolhimento, fazendo deste diálogo um encontro de aceitação mútua. Job reconhece a presença e o amor de Deus na sua vida e Deus reconhece a humildade e fidelidade de Job.

²³ Cf. C. A. NEWSOM, “Job 42:1-6, Job’s Response”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, Pg. 631.

²⁴ Cf. E. KOHAK, *The Embers and the Stars: A Philosophical Inquiry into the Moral Sense of Nature* (Chicago: University of Chicago Press 1984) 45-46, Cf. C. A. NEWSOM, “Job 42:1-6, Job’s Response”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, Pg. 632.

²⁵ Cf. C. A. NEWSOM “Job 42:7-17, The Prose Narrative: Conclusion”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, Pg. 636.

²⁶ Cf. C. A. NEWSOM “Job 42:7-17, The Prose Narrative: Conclusion”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, p. 637.

²⁷ Cf. MACKENZIE, R.A.F., MURPHY, R.E., “Job’s final response”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 488.

1.7. O testemunho do Livro dos Salmos

Pertencendo também aos Livros Sapienciais, o Livro dos Salmos apresenta uma enorme diversidade, dispersa com expressões de louvor, ação de graças, confiança e súplica, nos quais sobressaem formas de comunicação e expressão bastante significativos. Tanto no judaísmo como no cristianismo, são usados como expressão de oração e vivência religiosa. Representam diferentes tipos de orações que, facilmente, podemos identificar com cânticos, pelo modo como nos aparecem estruturados. Como tal, diferem dos diálogos que surgem nos livros anteriores. Sendo muito utilizados na vida religiosa, os Salmos constituem um elo fundamental para a transmissão da fé. Alguns Salmos são, com toda a certeza, dos textos mais usados de toda a Bíblia²⁸. O primeiro Salmo surge como uma espécie de prefácio ou introdução a todo o Saltério.

^{1*}Feliz o homem que não segue o conselho dos ímpios,
nem se detém no caminho dos pecadores,
nem toma parte na reunião dos libertinos;
^{2*}antes põe o seu enlevo na lei do SENHOR
e nela medita dia e noite.
^{3*}É como a árvore plantada
à beira da água corrente:
dá fruto na estação própria
e a sua folhagem não murcha;
em tudo o que faz é bem sucedido.
Sl 1,1-3

Escolhi este trecho, porque nos coloca perante um diálogo que, não sendo uma interpelação direta de Deus, indica que aquilo que nos faz felizes é o seguimento da Sua lei, no nosso caminho. O Sl 1 é um tipo de Salmo didático que pretende apresentar-nos dois tipos de vida diferentes e apontar-nos a escolha da que nos faz feliz, que é aquela em que nos abrimos constantemente à vontade de Deus e aos Seus ensinamentos. Ao

²⁸ No Novo Testamento, o livro dos Salmos é o mais citado e referido dos livros do Antigo. Se lermos o Cântico do Magnificat, de Maria (Lc 1: 46-55), podemos concluir que foi inspirado nos Salmos 98 e 113. É importante reforçar, uma vez mais, a Pessoa de Jesus como a Palavra por excelência de Deus. Nos diálogos que surgem nos Salmos, em que Deus é, sobretudo, ouvinte, vai surgindo o retrato do servo fiel e sofredor que se entrega pelos outros, o qual não é mais do que o retrato de Jesus. A fidelidade exaltada nos Salmos é a mesma de Jesus. Ele é o paradigma máximo do servo sofredor (Salmos 38 e 41). Assim, a cruz aparece como reveladora da perfeição do amor, indo ao encontro do mistério apresentado pelos Salmos. Nos quatro Evangelhos, o relato da zéstá relacionado com o Salmo 22, sendo que em Mateus 27:46 e em Marcos 15:34, as palavras que Jesus diz da cruz são uma citação do Salmo 22:1. A ressurreição de Jesus, confirmando a Sua divindade, mostra que a Sua aparente fraqueza é a Sua maior força. O primeiro sermão cristão – o sermão de Pedro, no Dia de Pentecostes, é baseado sobretudo no Sl 16:8-11; 110:1 e 132:11 (ver Acts 8:25-34). (Cf. J. C. MCANN JR., “The Psalms and The New Testament” Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, p. 674.)

mesmo tempo, sendo o primeiro, é também uma introdução ao Saltério. A expressão “feliz” ou “abençoado” aparece vinte e cinco vezes no Livro dos Salmos, constituindo, assim, uma pista, não só para a interpretação deste Salmo, mas para todo o Saltério²⁹.

Outros Salmos, apresentam pedidos, como é o caso do Salmo 6.

⁵Vem, SENHOR, salva a minha vida;
livra-me, pela tua misericórdia.

^{6*}No sepulcro, ninguém se lembrará de ti;
na mansão dos mortos, quem te louvará?

⁷Estou cansado de tanto gemer.

Todas as noites choro na minha cama
e encho de lágrimas o meu leito.

⁸Os meus olhos vão-se consumindo de tristeza;
envelheci por causa dos meus adversários.

^{9*}Afastai-vos de mim, vós que praticais o mal,
porque o SENHOR ouviu a voz dos meus soluços.

^{10*}O Senhor escutou a minha súplica
e atendeu a minha oração.

¹¹Os meus inimigos hão-de ser envergonhados
e retroceder, confusos, num instante.

Sl 6, 5-11

O Sl 6 é uma oração de súplica, um pedido de ajuda. Nele se manifesta uma enorme confiança em Deus, reconhecendo simultaneamente que o Senhor torna a vida e a esperança possíveis, mesmo no meio de realidades de terror, doença, fraqueza e desgosto. Esta é uma característica importante do Livro dos Salmos - somos confrontados com o salmista, que se reconhece agraciado por Deus, feliz não por não ter sofrimento, mas porque sabe que Deus está presente, está com ele e o ama, com a certeza de que será atendido no seu pedido. É reconhecido aqui que Deus vê tudo e conhece quem é bom e quem é mau/perverso. Temos um forte apelo à confiança.³⁰

Com base no Sl 6, não cometemos o mesmo erro dos amigos de Job, que adotaram a doutrina da retribuição, a qual interpretaria a doença e o sofrimento como ação direta de Deus como consequência do pecado. Verificamos, aqui, que a consciência da finitude e fragilidade humanas impelem a pessoa a confrontar as suas necessidades essenciais e a consciencializar a sua total dependência da graça de Deus.³¹

²⁹ Cf. J. C. MCANN JR, “Psalm 1: 1-6, Delight in God’s Teaching” Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, pp. 683, 684.

³⁰ Cf. J. S. KSELMAN, “Psalms (Introduction)” , *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 528.

³¹ Cf. J. C. MCANN JR, “Psalm 6:1-10, O Lord – How Long?”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, p. 704.

Há Salmos que têm uma forte componente de louvor e também de ação de graças. É o caso do Sl 40 (39), como podemos ver no versículo 6.

³²Grandes coisas fizeste por nós, SENHOR, meu Deus;
não há ninguém igual a ti!
Quantas maravilhas e desígnios em nosso favor!
Quisera anunciá-los e proclamá-los,
mas são tantos que não se podem contar.
Sl 40(39), 6

Neste Salmo, o autor começa por afirmar que não esperou em vão pelo Senhor, que o atendeu na sua prece (Sl 40:1-3) e sugere que a pessoa feliz é a que põe a sua confiança no Senhor (Sl 40: 4-5), tal como no Sl 1, no início do Saltério. O versículo que transcrevemos é um grito de ação de graças, ao qual se segue uma entrega da vida do salmista a Deus e um pedido de proteção do amor de Deus (Sl 40:8-18), com a confiança absoluta n'Ele. O salto que é dado, da ação de graças para a súplica que aparece posteriormente, reforça esta confiança, com a certeza de que Deus intervém. Daí o pedido que é apresentado.

O Livro dos Salmos foi chamado livro de Cânticos do Templo. Nele, Deus surge como criador, salvador do Seu povo, Deus da Aliança de Israel, e manifesta a Sua justiça, mantendo o mundo em ordem e salvando o Seu povo do mal. Nos Salmos, sobressai o papel de Deus como salvador e do salmista como Seu servo.³²É uma constante no Saltério este reconhecimento da grandeza e proximidade de Deus. Aparece-nos um tipo de diálogo totalmente diferente dos outros livros, sendo Deus, aqui, ativo pela escuta e não pela palavra. É também uma constante a atitude do salmista diante de Deus, com vontade de Lhe ser fiel, pois está consciente de que é esse o caminho da felicidade. Deus é aqui interpelado de diversas maneiras, como já referimos. Quer seja louvando, agradecendo, suplicando ou expressando apenas confiança, Deus aparece neste diálogo com o papel de ouvinte, em relação ao homem que a Ele se dirige com proximidade e abertura, na certeza desta escuta.

³² Cf. J. S. KSELMAN, "Psalms (1-4)", *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 527

1.8. O testemunho profético

Os Profetas surgem como mensageiros, enviados de Deus ao Seu povo, para lhe transmitir uma mensagem específica. É importante o diálogo de Deus com os mensageiros escolhidos, a atribuição da tarefa e o envio, que encontra paralelos com outros no Antigo Testamento. Em todos, sobressai o cuidado de Deus com o Seu mensageiro, a relação pessoal, o aspeto de que o mensageiro é alguém com sentimentos e vontade própria, que é escolhido, mas de quem Deus espera uma resposta que confirme a adesão livre dessa vontade à vontade do próprio Deus.

1.8.1. Isaías

O chamamento e a vocação de Isaías (Is 6: 1-13) apresentam paralelos com outros no Antigo Testamento, como é o caso da vocação de Moisés, no Livro do Êxodo (Ex 3:1-4:17). No entanto, cada um tem as suas características específicas.

⁸Então, ouvi a voz do Senhor que dizia: «Quem enviarei? Quem será o nosso mensageiro?» Então eu disse: «Eis-me aqui, envia-me.»
Is 6, 8

Escolhi este versículo, porque apresenta um diálogo indireto com Deus, como resposta à Sua interpelação, manifestação de uma necessidade sentida. Este encontro, onde é delineada a vocação e missão de Isaías, é relatado pelo próprio profeta. Inclui um relato de visão e audição (vv. 1-4), a reação do profeta (v.5), o ritual de purificação (vv.6-7), a pergunta de Yahweh e a resposta de Isaías (v.8), a atribuição da missão ao profeta (vv. 9-10) e as objeções de Isaías à resposta do Senhor (vv. 11-13)³³.

Importa assinalar, neste ponto, vários aspetos no que diz respeito à comunicação e ao diálogo de Deus com o profeta. Primeiro, constatar como Isaías se sente impuro, quando colocado na presença de Deus. Em seguida, o rito de purificação que desemboca na resposta à pergunta indireta de Deus sobre quem deveria mandar e, finalmente, o diálogo direto entre Deus e Isaías sobre a tarefa que lhe será atribuída. Mais uma vez, é manifesta a confiança de Deus naquele que escolhe para Seu mensageiro, apesar da insegurança que ele possa manifestar, a qual aparece aqui sob a forma da pergunta: “Até quando, Senhor?” (v.11). Deus responde, não indo exatamente ao encontro daquilo que

³³ Cf. G. M. TUCKER “Isaiah 6:1-13, Isaiah’s Commission” Volume VI, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 2001, p. 102.

o profeta esperaria. De novo, através deste diálogo, Deus pede a confiança daquele que escolhe, através da execução da tarefa que Ele próprio lhe confia.

1.8.2. Jeremias

Ao contrário de Moisés, Samuel e Isaías, referidos anteriormente, bem como da maioria dos chamamentos, o chamamento de Jeremias aparece, logo no início do livro profético.

^{4*}A palavra do SENHOR foi-me dirigida nestes termos:⁵«Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações.»⁶E eu respondi: «Ah! Senhor DEUS, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem.»⁷Mas o SENHOR replicou-me: «Não digas: 'Sou um jovem'. Pois irás aonde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar.»⁸Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar»- oráculo do SENHOR.
Jr 1, 4-8

Somos colocados, aqui, perante uma escolha que Deus revela ter sido feita, desde o início da concepção do profeta. É como que uma predestinação, não no sentido de salvação ou condenação, mas de missão. Este conhecimento que Deus afirma ter da pessoa, significa também a proteção e segurança que lhe dá, juntamente com essa missão que lhe atribui. Isto é revelado, quando Jeremias tenta rejeitar a missão, com o argumento de ser muito novo, e Deus lhe assegura que está sempre com ele. A declaração de Deus que “consagrou” Jeremias, atribuindo-lhe uma missão profética, não é usual. É o único sítio onde é feita esta afirmação acerca de um profeta. Pertencente a uma família sacerdotal, é-lhe atribuído um papel diferente relativo às coisas de Deus. Não será um mediador da santidade de Deus no santuário, mas alguém que é chamado a proclamar essa santidade e as suas exigências nas ruas de Jerusalém.³⁴ Depois de Jeremias, é aceite a ideia de que o próprio Deus forma a criança, desde o seio da sua mãe, significando isto que o próprio Deus conduz a pessoa e é o seu único Senhor, desde o primeiro momento da sua existência.³⁵

O diálogo direto de Deus com Jeremias interpela-o, chama-o, dá-lhe a certeza de quem o conhece desde o início, tendo-o escolhido para a missão, e é um forte apelo à confiança, afirmando que a sua segurança está no próprio Deus e não na sua pessoa,

³⁴ Cf. P. D. MILLER, “Jeremiah 1:4-19, The Call of Jeremiah” Volume VI, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 2001, p. 580.

³⁵ Cf. G. P. COUTURIER, “Jeremiah (1:1-17)”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, pg. 271.

como ser humano e frágil que é. A presença e comunicação de Deus, com aqueles que chama e com quem estabelece uma relação pessoal para chegar a todos, são uma tônica nos Livros do Antigo Testamento, particularmente notória nos Livros Proféticos, através dos que escolhe para porta-vozes da Sua mensagem.

2. A dimensão dialógica no Novo Testamento

“Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo.” Heb 1, 1-2

Para abordar a dimensão dialógica de Deus connosco no Novo Testamento, o ponto de partida só pode ser a vinda ao mundo do Filho, Jesus Cristo. Esta é a palavra final do diálogo de Deus connosco e só a partir d’Ele podemos entender o que é que Deus nos quer transmitir. A Carta aos Hebreus, abordando o diálogo de Deus com os homens desde o início, afirma isso mesmo. É essa a razão pela qual os textos que escolhemos comentar são textos do Evangelho, em que aparecem diversas formas de diálogo de Jesus com pessoas e grupos de pessoas diferentes.

2.1. Jesus proclama as bem-aventuranças (Mt 5, 1-12)

^{1*}Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. ²Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo: ^{3*}«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. ^{4*}Felizes os que choram, porque serão consolados. Mt 5, 1-4

Deste texto, transcrevemos, apenas, o início (incluindo as duas primeiras, das nove bem-aventuranças mencionadas em Mateus), por ser bastante revelador da forma e do teor do discurso de Jesus. Jesus dirige-se aqui a um grupo de pessoas, de uma comunidade cristã, certamente, em que as bênçãos ou bem-aventuranças expressam o que já será verdade, aquilo que já vivem. Disso é revelador o tempo verbal no presente, com que todas começam (embora só aparecendo na segunda parte da primeira e última frases). É bastante significativo que o discurso seja introduzido pela expressão “Ao ver a multidão...”, pois revela-nos que surge como resposta a uma necessidade percebida por Jesus. Esta é a base, ponto de partida de toda a ação de Jesus – a necessidade dos outros, do outro. É esse o motor de arranque da ação de Deus e do Seu diálogo

conosco. No caso das bem-aventuranças, assistimos ao mesmo tempo a um “auto-retrato” de Jesus. Ele é o pobre, o manso, o que tem fome e sede de justiça, o misericordioso, o pacificador.

As bênçãos, sob forma de bem-aventurança, ocorrem já no Antigo Testamento, como sinal de sabedoria ou de profecia. No texto de Mateus, são declarações proféticas feitas com a convicção da certeza do reino de Deus que virá e está, também, já presente. As bem-aventuranças estão relacionadas com a autoridade de quem as profere, neste caso, Jesus.³⁶ Tal como todo o resto em Mateus, estão orientadas para a vida de comunidade, não para uma ética individualista.³⁷ A voz passiva do verbo, na maior parte das orações que referem recompensa, é uma “passiva teológica”, ou seja, tudo o que é prometido, é como sendo atribuído futuramente (ou agora) por Deus.³⁸ A voz passiva, por vezes, era usada pelo povo Judeu para evitar dizer o nome de Deus (passiva divina). Este texto aponta para o futuro escatológico.³⁹ Jesus dá-nos aqui linhas bastante concretas para o que é o Cristianismo – programa de vida, que é já agora e será validado por Deus, quando surgir a nova criação. É apresentado aos discípulos, a um número alargado, pois é o programa de vida do cristão. É o Seu programa de vida.

2.2. Jesus alimenta a multidão (Mc 6, 34-44)

³⁴Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas. Mc 6, 34

O versículo que escolhi aparece imediatamente antes do episódio da multiplicação dos pães e dos peixes. É particularmente significativo do que Jesus sente, relativamente à multidão. É uma comparação que evoca a oração que Moisés faz ao Senhor, pedindo alguém que caminhe à frente do povo, para que não sejam “como ovelhas sem pastor” (Nm 27, 17). Jesus assume-Se, aqui, como o pastor de que a multidão necessita. O primeiro cuidado de Jesus, relativamente a esta multidão, é ensiná-la. Segue-se a preocupação dos discípulos com o alimento da multidão. É referido o diálogo de Jesus com eles, desafiando-os a darem eles mesmos de comer, o protesto em que eles dizem não ser possível, dado o número de pessoas e o gasto que

³⁶ Cf. E. BORING, “Matthew 5:3-12, The Beatitudes”, Volume VIII, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1995, p. 176.

³⁷ Cf. E. BORING, “Matthew 5:3-12, The Beatitudes”, Volume VIII, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1995, pg. 178.

³⁸ Cf. B. T. VIVIANO, “Matthew (5:3-16)”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, pg.640.

³⁹ Cf. E. BORING, “Matthew 5:3-12, The Beatitudes”, Volume VIII, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994, p. 178.

isso implicaria, o pedido de bênção sobre os cinco pães e dois peixes encontrados, a sua multiplicação e distribuição pelas pessoas, sentadas previamente em grupos, e a recolha das sobras em doze cestos. Os primeiros cristãos também viam esta história como uma antecipação da Eucaristia. Quando Jesus ordena que as pessoas se sentem na relva (v.39), toma a posição do anfitrião que dá um banquete aos seus convidados. O modo como Jesus pede a bênção para o pão, antes de o dar aos discípulos para distribuir (v. 41), remete para a bênção eucarística (Mc 14, 22), antecipando, assim, o milagre da Eucaristia, que, por sua vez, antecipa o banquete messiânico.⁴⁰ Este milagre em que Jesus alimenta a multidão pretende demonstrar que as pessoas agora têm um pastor. O bom pastor, referido no Livro dos Salmos, “O Senhor é meu pastor, nada me falta” (Sl 23, 1), é Jesus. O diálogo de Jesus com a multidão vai, assim, no sentido de a guiar e lhe prover. Os discípulos são convidados a participar ativamente, chamados a uma colaboração mais estreita e próxima, dando tudo o que têm e sabem ser manifestamente insuficiente, mas confiando no pastor, que é o Senhor, que é Jesus.

2.3. Jesus condena o farisaísmo (Lc 11, 37-54)

O diálogo que aparece aqui não se refere a Jesus a dirigir-se à multidão, mas a uma classe social particularmente religiosa e que tinha caído na prática dos ritos exteriores, “esvaziando” o verdadeiro conteúdo da lei – os fariseus. Estende-se, de seguida, aos doutores da lei, àqueles que a estudavam e tinham, por isso, mais obrigações na sua verdadeira divulgação.

³⁷Mal Jesus tinha acabado de falar, um fariseu convidou-o para almoçar na sua casa; Ele entrou e pôs-se à mesa. ^{38*}O fariseu admirou-se de que Ele não se tivesse lavado antes da refeição. ^{39*}O Senhor disse-lhe: «Vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e de maldade. ⁴⁰Insensatos! Aquele que fez o exterior não fez também o interior? ^{41*}Antes, dai esmola do que possuíis, e para vós tudo ficará limpo. ^{42*}Mas ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as plantas e descurais a justiça e o amor de Deus! Estas eram as coisas que devíeis praticar, sem omitir aquelas. ⁴³Ai de vós, fariseus, porque gostais do primeiro lugar nas sinagogas e de ser cumprimentados nas praças! Lc 11, 37-43

Escolhemos o início do texto, em que Jesus é convidado para comer em casa de um fariseu que fica escandalizado porque Ele não se lava antes de comer. É este o aspeto que serve de metáfora para a mensagem que Jesus quer transmitir – para Deus, que criou a totalidade do ser humano, o importante é a pureza interior e não a

⁴⁰ Cf. D. J. HARRINGTON, “Mark (6:23-44)”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 610.

purificação exterior. A condenação do farisaísmo também aparece em Mateus e Marcos (Mt 23, 1-36; Mc 12,38-40), mas só Lucas fala da esmola como essencial para uma ética cristã de purificação interior.⁴¹ A esmola é o melhor antídoto para a ganância.⁴²

A condenação do farisaísmo continua, estendendo-se também aos doutores da lei (Lc 11, 46). O que Jesus condena é a piedade falsa, o cuidado exagerado com o exterior, negligenciando o interior, o desejo de ser admirado pelos outros, o sobrecarregar dos outros com fardos pesados, a rejeição dos profetas de Deus e o conhecimento da lei de Deus, sem a pôr em prática nem a ensinar verdadeiramente aos outros. Este diálogo não representa, apenas, uma crítica aos fariseus, mas um ensinamento aos discípulos e um aviso a todos os que professam segui-l’O. É como que um espelho, onde podemos ver em que estado se encontra verdadeiramente a nossa vida de piedade.⁴³ É um texto que nos chama a atenção, para que o verdadeiro amor não omita a chamada de atenção ao que está errado. Jesus ama os fariseus e doutores da lei tanto como as multidões. No entanto, aponta o que necessita de correção. Sem rodeios e sem medo. Esta é mais uma faceta do diálogo de Jesus conosco.

2.4. Diálogos e encontros pessoais

2.4.1. Jesus e Zaqueu (Lc 19, 1-10)

Neste episódio, narrado por Lucas, assistimos a um milagre de conversão, através de um encontro em que o desejo de ver Jesus desemboca na salvação por Ele oferecida.

³Procurava ver Jesus e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. ⁴Correndo à frente, subiu a um sicómoro para o ver, porque Ele devia passar por ali. ⁵Quando chegou àquele local, Jesus levantou os olhos e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa.» ⁶Ele desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de alegria. Lc 19, 3-6

Estes versículos relatam o encontro ente Jesus e Zaqueu e as diligências que este faz para O ver. Sendo cobrador de impostos, Zaqueu era considerado pelos judeus como um caso perdido. Há dois fatores que nos mostram, aqui, como era importante para Zaqueu ver Jesus – o ter corrido e o ter subido à árvore. Jesus dirige-se diretamente a Zaqueu com a urgência da vontade de o salvar, demonstrada através das palavras

⁴¹ Cf. R. J. KARRIS, “Luke (11: 4-41), *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, pg. 703.

⁴² Cf. R.A.CULPEPPER, “Luke 11:37-54, Woes to the Pharisees and Lawyers” Volume IX, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, p. 247.

⁴³ Cf. R.A.CULPEPPER, “Luke 11:37-54, Woes to the Pharisees and Lawyers” , Volume IX, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, pp. 249-250.

“depressa” e “hoje”. Jesus não se importa que as pessoas murmurem por ir para casa deste homem. Só lhe importa a vontade que Zaqueu tem de O receber. A alegria de Zaqueu e o acolhimento de Jesus em sua casa, que tem como fruto a partilha e a devolução do que roubou, levam à frase final de Jesus: “Hoje veio a salvação a esta casa, por ser também este filho de Abraão; pois o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.” (Lc 19, 9-10). A salvação estende-se a toda a casa. Nada está perdido. O herói desta história é Jesus e não Zaqueu. Zaqueu pensava que estava à procura de Jesus, mas, na realidade, era Jesus que procurava Zaqueu.⁴⁴ A presença de Jesus torna possível o que era humanamente impossível.⁴⁵ A palavra “hoje” aparece onze vezes no Evangelho de Lucas. O coro dos anjos anuncia alegremente “Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor.” (2, 11). Na cruz, Jesus promete ao ladrão “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso.” (23, 43). O que Lucas nos diz é que o tempo da redenção é agora.⁴⁶

Deus oferece o perdão hoje a cada um. A história de Zaqueu é um dos exemplos do diálogo e encontro “tu a Tu” de Deus com cada um de nós. Através de Jesus, que conhece o coração de cada um, percebemos que Deus não desiste nunca de ninguém. E no encontro real de quem abre o coração, dá-se um verdadeiro milagre de amor.

2.4.2. Jesus e a mulher samaritana (Jo 4, 1-42)

³*Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. ⁶Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. ⁷Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: «Dá-me de beber.» ⁸Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. ⁹*Disse-lhe então a samaritana: «Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?» É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. ¹⁰*Respondeu-lhe Jesus: «Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: 'dá-me de beber', tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!» Jo 4, 5-10

Este texto mostra-nos o início do diálogo que tem lugar no encontro de Jesus com esta mulher samaritana. Aqui, Jesus revela, uma vez mais, a Sua preocupação em ir ao encontro de todos, não se deixando vencer por qualquer espécie de barreiras. Neste caso, as barreiras eram o facto de Ele ser judeu e ela samaritana (v. 9), para além de Ele ser homem e ela mulher. Jesus aponta, neste episódio, a igual dignidade do homem e da

⁴⁴ Cf. R.A.CULPEPPER, “Luke 19:1-10, Zacchaeus, a Son of Abraham”, Volume IX, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, p. 359.

⁴⁵ Cf. R. J. KARRIS, Robert J., “Luke (18:31-19-28)”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 710.

⁴⁶ Cf. R.A.CULPEPPER, “Luke 19:1-10, Zacchaeus, a Son of Abraham”, Volume IX, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, p. 360.

mulher. E pede para dar. Para Se dar. É a vontade que revela desde o início do diálogo. É a mesma vontade que aparece no diálogo do capítulo precedente com Nicodemos (Jo 3, 1-21), com a diferença de que Nicodemos é homem, altamente conceituado e judeu. No encontro com a samaritana, como em tantos outros, é fundamental o conhecimento interior que Jesus revela da vida desta mulher (vv. 17-18). É isto que a faz olhar para Ele como um profeta e com a possibilidade de ser o Messias. O Messias vem, não só para Israel, mas também para aqueles que Israel marginaliza e despreza. É nesse sentido que Ele Se aproxima do poço, no intuito de encontrar uma testemunha que leve até Ele esses desprezados. O mais surpreendente é que Jesus encontra nesta mulher samaritana essa testemunha (vv. 28-30, 39-42).⁴⁷

Se, no episódio de Zaqueu, Jesus vai ter com “uma ovelha perdida” da casa de Israel, no caso da samaritana sai desse território, dirigindo-se aos que estavam postos de lado pelos judeus. Demonstra, assim, que “a água viva”, “dom de Deus” (v. 10) é para todos. O Espírito não reconhece fronteiras. O amor de Deus e a Sua vontade salvífica dirigem-se a todos, sem exceção.

2.5. Diálogo de Jesus com os discípulos (Jo 15, 1-17)

Há vários exemplos diferentes de diálogo de Jesus com os Seus discípulos. O exemplo que escolhemos é particularmente significativo da proximidade e intimidade da Sua relação com eles.

^{9*}«Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor. ¹⁰Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como Eu, que tenho guardado os mandamentos do meu Pai, também permaneço no seu amor. ¹¹Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa. ¹²É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. ¹³Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. ¹⁴Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Jo 15, 9-14

Juntamente com o desejo de Jesus de que os discípulos permaneçam no Seu amor, sobressai o desejo de que a Sua alegria permaneça nos seus discípulos para que a alegria deles seja completa. Desde o princípio do texto em que Jesus se nomeia a videira, apontando os discípulos como ramos e o Pai como agricultor (vv.1-2), Jesus assume-se como o terreno entre o Pai e a comunidade, essencial na sua ligação para que

⁴⁷ Cf. G. R. O'DAY “John 4:4-42, Jesus in Samaria”, Volume IX, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, p. 565.

seja produzido fruto. Este fruto que são as obras de amor de quem está ligado a Ele. A Sua declaração de amor revela a exigência de quem dá tudo e tudo pede.

Na narrativa do lava-pés, em João 13 e no mandamento do amor, por si só está implícito que a maior demonstração do amor de Jesus é dar a vida; no entanto, agora é feita uma afirmação explícita (v.13). No versículo 14, ainda é mais claro que Jesus não está simplesmente a apelar ao nobre ideal da amizade, referido no versículo 13, mas a um entendimento da amizade, alicerçada no amor particular de Jesus.⁴⁸ Este amor é o que fundamenta toda a relação do Pai com o Filho, do Filho conosco e do Pai conosco, através do Filho. Por isso, Jesus é a Palavra última de Deus, na qual todo o diálogo, toda a comunicação d'Ele conosco se percebe, se realiza, se completa. E, como a última palavra de Jesus é a ressurreição, é na ressurreição que esse diálogo de Deus conosco faz sentido. Fomos criados por amor e para amar. Fomos criados para ressuscitar e viver com Ele para sempre.

CAPÍTULO II – O SALMO 139 (138) NUMA PERSPETIVA DE COMUNICAÇÃO ENTRE DEUS E O SER HUMANO

Após a abordagem geral à dimensão dialógica da Palavra no Antigo e Novo Testamentos, procurarei aprofundá-la, neste ponto do trabalho, mais pormenorizadamente no Salmo 139 (138), o qual vem transcrito (com exceção dos versículos 19-22) na página 43 do Manual de EMRC do 6ºAno de Escolaridade.

No comentário que faz ao salmo, Santo Agostinho recorda que a sua leitura diviniza a nossa humanidade porque nos coloca diante do próprio Jesus:

“Nos profetas fala nosso Senhor Jesus Cristo e, às vezes, ele mesmo fala pessoalmente: fala a nossa Cabeça, Cristo Salvador, que está sentado à direita do Pai. (...) Ouçamos nesta profecia, portanto, a palavra do Senhor Jesus Cristo. É verdade, de fato, que os salmos foram compostos muito antes do Senhor nascer de Maria, mas não antes de ser na sua dignidade como Senhor. De fato, como criador de tudo, existe desde sempre, mesmo que só mais tarde tenha nascido no tempo por uma criatura sua. Façamos um ato de fé na sua divindade e, tanto quanto nos seja permitido, tentemos entender como é igual ao Pai; e lembramos que essa divindade, igual ao Pai, tornou-se [um dia] participante da nossa condição mortal (...) para que nos pudéssemos tornar participantes de sua divindade, não pelos nossos próprios recursos, mas pelo seu próprio dom.”⁴⁹

⁴⁸ Cf. G. R. O'DAY “John 15:1-17, «Abide in My Love»”, Volume IX, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, p. 758.

⁴⁹ Cf. *Opere di Sant'Agostino*, Esposizione sui Salmi, sul Salmo 138, Ed. Città Nuova, Roma, 1990, p.2. http://www.augustinus.it/italiano/esposizioni_salmi/index2.htm

O Salmo 139 é um Salmo didático ou sapiencial, ou seja, está escrito para nos ajudar a refletir sobre temas e valores importantes, sendo característico deste género o paralelismo. As primeiras secções parecem ter sido escritas com as características de um hino⁵⁰ que, ao mesmo tempo, tem um valor catequético. Isto mesmo nos é dito por Santo Agostinho, quando projeta o seu início num hino de louvor e, ao mesmo tempo, numa aprendizagem da forma cristã de viver: “O que significa no nosso contexto o sentar-se e levantar-se? Quem se sinta humilha-se. Assim o Senhor sentou-se na paixão e levantou-se na ressurreição. (...) O homem senta-se quando se humilha na penitência; levanta-se quando, uma vez remidos os pecados, se eleva para a esperança da vida eterna.”⁵¹ O Salmo apresenta ainda, no final, o tom da súplica de um inocente, injustamente acusado. O recurso à sinonímia aparece, apontando para este género. No entanto, o seu tema fundamental reforça o primeiro género referido, inscrevendo-o predominantemente neste. No desenrolar do texto, existem muitos pontos comuns com o livro de Job, como referiremos mais à frente.

No Salmo 139 (138), o Salmista dirige-se a Deus, revelando que é consciente do modo como é conhecido por Ele e também reconhecendo a sua presença envolvente e constante na sua vida.

^{1*} *Ao director do coro. Salmo de David.*
SENHOR, Tu examinaste-me e conheces-me,
^{2*} sabes quando me sento e quando me levanto;
à distância conheces os meus pensamentos.
³ Vês-me quando caminho e quando descanso;
estás atento a todos os meus passos.
⁴ Ainda a palavra me não chegou à boca,
já Tu, SENHOR, a conheces perfeitamente.
⁵ Tu me envolves por todo o lado
e sobre mim colocas a tua mão.
^{6*} É uma sabedoria profunda, que não posso compreender;
tão sublime, que a não posso atingir!

⁷ Onde é que eu poderia ocultar-me do teu espírito?
Para onde poderia fugir da tua presença?
^{8*} Se subir aos céus, Tu lá estás;
se descer ao mundo dos mortos, ali te encontras.
⁹ Se voar nas asas da aurora
ou for morar nos confins do mar
¹⁰ mesmo aí a tua mão há-de guiar-me
e a tua direita me sustentará.”
Salmo 139 (138), 1-10

⁵⁰ Cf. J. S. KSELMAN, M. L. BARRÉ, “Psalms”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996, p. 550.

⁵¹ Cf. *Opere di Sant'Agostino*, Esposizione sui Salmi, sul Salmo 138, Ed. Città Nuova, Roma, 1990, p. 4.
http://www.augustinus.it/italiano/esposizioni_salmi/index2.htm

Se quisermos resumir o texto, diríamos que o salmista começa por se dirigir a Deus, dizendo-Lhe que Ele o conhece, a partir do seu interior, de uma forma perfeita. “Extremamente poderosa é, no nosso Salmo, a ideia de que o Deus daquele embrião ainda "sem forma" já veja todo o futuro: no livro da vida do Senhor já estão inscritos os dias que aquela criatura viverá e cumulará de obras durante a sua existência terrena.”⁵² Este mesmo salmista continua, reconhecendo que Deus sabe sempre onde ele está, não havendo como ocultar-se. Depois, reconhece que Deus tinha planeado a sua própria existência, mesmo antes de ela acontecer, e refere a imensidão de Deus nos Seus pensamentos criadores. Finalmente, pede-Lhe distância dos seus inimigos, que são os inimigos do próprio Deus e implorando-Lhe que veja se o seu caminho é errado e que o guie pelo “caminho eterno.”

É um diálogo em que o salmista vai referindo as várias características de Deus, dirigindo-se-Lhe na certeza de que Ele o ouve. Nos versículos 1-6, é interpelado como sendo o Deus onisciente, Aquele que o conhece, que conhece as suas ações, pensamentos e palavras (como em Jb 31,4 e Jb 11, 7-8). Há diversos versículos que encontram paralelo noutros textos, tanto do Antigo, como do Novo Testamento. Assim, o versículo 1, que fala do conhecimento que Deus tem do salmista, remete para 1Cr 28, Jr 12, 3 e Heb 4, 13. Esse “conhecer / conhecimento”, está referido sete vezes ao longo destes versículos, o que reforça a mensagem de que o salmista se sabe totalmente conhecido por Deus, pois o número sete indica a plenitude. O reconhecimento de se saber completamente envolto por Deus e por Ele apoiado dá-nos a percepção do conforto experimentado pelo salmista, no que diz respeito a esse conhecimento da sua pessoa. Como nos diz Patrick D. Miller, é “eu” e “tu” do princípio ao fim.⁵³

Nos versículos 7-12 é-nos mostrado o Deus omnipresente (Senhor do espaço e do tempo). Deus é uma presença à qual o salmista não pode escapar. O modo como é dito pode parecer negativo, mas a referência à mão que guia e sustenta mostra como essa presença é sentida como segurança. A escuridão é referida várias vezes, mas desvanecida pela luz de Deus (mais uma vez, surge também em Jb 12, 22). Tal como no livro de Job, aparece-nos aqui a confiança em Deus, no modo como Ele domina e conduz a vida humana, por caminhos profundos e insondáveis, onde a Sua presença, nem sempre perceptível, é constante. No salmo, “o símbolo "têxtil" evoca a delicadeza da

⁵² Papa Bento XVI, Audiência Geral de Quarta-feira, 28 de Dezembro 2005, 3 (in: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2005/documents/hf_ben-xvi_aud_20051228.html).

⁵³ Cf. P. D. MILLER JR, “From beginning to end it is ‘I’ and ‘you’” , *Interpreting the Psalms*, Philadelphia: Fortress, 1986 , p.144.

pele, da carne, dos nervos "tecidos" no esqueleto ósseo. Também Job acentua estas e outras imagens, para exaltar aquela obra-prima que é a pessoa humana, apesar de ser golpeada e ferida pelo sofrimento".⁵⁴ A confiança do justo no Senhor surge, então, subjacente ao texto, que no livro de Job aparece em discurso indireto, mas sempre remetendo para a onipotência do Senhor e, simultaneamente, para o acompanhamento e proteção do ser humano. Observa Santo Agostinho, no paralelismo deste salmo com a figura de Job:

“Eis como a sua luz de Deus brilhou em Job. Ele vivia na abundância de todas as coisas; e esta luz na noite, consistindo precisamente em riquezas, é a primeira a ser descrita. Quantos bens! Quanta abundância! Não lhe faltava nada; e esta poderia ter sido a luz da sua noite. O inimigo acreditava que aquele homem eminente servia a Deus por este motivo, porque lhe tinha sido dado todo o tipo de bens, e pediu que lhos fossem tirados. Ficou então escura para ele aquela noite, que antes era iluminada pela luz. Mas o homem de Deus sabia bem que, ou iluminado pela luz ou submerso na escuridão, estava naquela noite como um peregrino longe do seu Deus. E no seu íntimo tinha a luz consistente do mesmo Deus, e graças a essa mesma luz interior era-lhe indiferente tanto a escuridão como a luz daquela noite. Ele, mesmo quando a noite era iluminada pela luz, quando vivia na abundância, servia unicamente a Deus”⁵⁵

É a confiança daquele que sente que, desde o estado embrionário, era olhado por Deus, um aspeto que aparece repetido, tanto no livro de Job (Jb 10, 7-11), como também nos profetas Jeremias (Jr 1, 5) e Isaías (Is 49, 15). Nos versículos 13-18, o salmista elogia a sua criação, por parte de Deus, como algo de maravilhoso e que demonstra bem de onde vem o conhecimento íntimo que Deus tem dele. Dirige-se a Deus criador, comparando-O a um tecelão que trabalha ativamente na sua obra, pois o salmista descreve-se como “tecido nas profundezas da terra” (v.15). Ele sabe que é com Deus que estão, tanto a sua origem como o seu destino.⁵⁶ Mas esta expressão evoca, também, a ação divina dentro do ventre materno, “enquanto a cavidade geradora da mãe é comparada com as "profundezas da terra", ou seja, com a vitalidade constante da grande mãe-terra”.⁵⁷ O salmista tem a consciência de que o homem é obra maravilhosa das mãos de Deus, com os seus dias gravados no Seu “livro”, mesmo antes de acontecerem. Somos conduzidos à afirmação de que nada é por acaso, na vida humana, sendo que é Deus que providencia e mantém essa mesma vida. Tudo isto faz parte da

⁵⁴ Papa Bento XVI, Audiência Geral de Quarta-feira, 28 de Dezembro 2005, 2 (in: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2005/documents/hf_ben-xvi_aud_20051228.html).

⁵⁵ Cf. *Opere di Sant'Agostino*, Esposizione sui Salmi, sul Salmo 138, Ed. Città Nuova, Roma, 1990, 17. http://www.augustinus.it/italiano/esposizioni_salmi/index2.htm

⁵⁶ Cf. J.C. MCANN JR., “The psalmist’s origin and destiny lie with God”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, pg 1237.

⁵⁷ Papa Bento XVI, Audiência Geral de Quarta-feira, 28 de Dezembro 2005, 2 (in: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2005/documents/hf_ben-xvi_aud_20051228.html).

visão que o salmista tem da criação: é a obra de Deus que continua no espaço e no tempo, na sua vida.

Nos versículos 19-22, importa, sobretudo, o facto de o salmista se colocar do lado de Deus, contra aqueles que ele considera inimigos do próprio Deus, manifestando, assim, a sua lealdade para com Ele. Podemos constatar que estes versículos foram suprimidos do livro do 6º Ano da disciplina de Religião, tal como da oração comunitária dos judeus e cristãos (atualmente). Nesta parte do diálogo, o salmista pede a Deus que extermine os seus inimigos. É um tipo de linguagem e de pedido que, na linha do Antigo Testamento, pode ser entendido como um pedido de justiça feito a Deus, para ser Ele a restabelecer a ordem. Considerando a evolução da humanidade (apontando para a perfeição do amor no perdão aos inimigos), podemos dizer que há aqui uma evolução, relativamente a um estágio anterior de fazer justiça pelas próprias mãos, segundo a lei do Talião (Ex 21, 23-25; Lev 24, 19-20; Dt 19, 21b), uma vez que o salmista pede a Deus para ser Ele a executá-la, conforme a necessidade sentida. Deus é um Deus violento porque é um Deus de paz. Embora pareça paradoxal, a explicação é de que, com a intervenção violenta, Deus pretende repor o equilíbrio da Aliança, pois o pecado não é compatível com Ele. Estes versículos teriam de ser muito bem contextualizados e aprofundados, para serem passíveis de uma explicação correta, a qual se tornaria extremamente difícil, no contexto da lecionação a alunos do 6º Ano de Escolaridade. Em meu entender, esta questão poderá ser abordada, mais tarde, numa circunstância favorável à interpretação do “Deus violento” que aparece no Antigo Testamento, podendo ajudar a perceber como é o Deus-amor-todo-poderoso. Mas, tal como nos diz a Constituição Dogmática Dei Verbum, no nº 12, “o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que Ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das Suas palavras”. Deste modo, seria necessário abordar e contextualizar, de outra forma, o Salmo 139, no Programa do 6º Ano de escolaridade, da disciplina de Religião.

Nos versículos 23-24 está patente a certeza que o salmista tem de que Deus o conhece, expressando, assim, a entrega total a esse mesmo Deus. Também este versículo encontra paralelo no livro de Job (Jb 31,6). É essa entrega e confiança que aparece nos Salmos, como característica do diálogo entre o homem e Deus. “Acima das polaridades humanas, do limite do próprio Homem, levanta-se Deus, igual a si mesmo,

que vê e conhece e distingue e guia.”⁵⁸ Entendo ser este um dos Salmos que melhor reflecte a posição da humanidade perante Deus no Antigo Testamento, a qual aparece retratada no tipo de diálogo com que é escrito, interpelando Deus directamente e reconhecendo simultaneamente a Sua grandeza e a Sua proximidade, conhecimento e presença junto do ser humano, o qual, reconhecendo a sua inteira dependência, encontra nos Seus desígnios a plena realização⁵⁹. Este sentir aparece, mais tarde, na predestinação de que fala S. Paulo, em Rm 8, 29, especificando que essa predestinação significa que nada nos poderá separar “do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Senhor nosso.” (Rm 8, 39). Parece-nos ser nessa linha que, segundo Vaz, “podemos retomar algumas expressões do Salmo 139, invocando a presença total de Deus e dando voz aos nossos sentimentos pascais. A suprema forma de presença de Deus consistiu em fazer-Se homem, um de nós.”⁶⁰ Os diferentes diálogos que Deus estabelece com os homens / mulheres que chama no Antigo Testamento, exprimem, sobretudo, votos de confiança e uma familiaridade grande, de quem conhece e se sabe “conhecido”. No entanto, é no Novo Testamento que se encontra a síntese de todo o amor e do projeto de Deus para o homem.

CAPÍTULO III – A PERFEIÇÃO DA COMUNICAÇÃO E DA RELAÇÃO SEGUNDO 1 JO

1Jo 4, 7-21 é lido num dos domingos a seguir à Páscoa (ano B) e vem no Manual de EMRC do 6ºAno de Escolaridade, nas páginas 27 e 28. É um texto de uma extraordinária riqueza, pelo qual os alunos, de um modo geral, se costumam deixar fascinar. A importância da escolha deste texto para o Manual de EMRC pode compreender-se no comentário que faz Santo Agostinho à Primeira Carta de S. João, quando sublinha que a definição de Deus, como amor, é uma revelação que vem do Espírito Santo e que unifica os cristãos na mesma Igreja:

“Deus é amor. Dizemo-lo nós? Se fossemos nós a dizer: Deus é amor, talvez alguns de vocês se escandalizem e dissessem: o que é que disse? O que quis dizer com Deus é amor? Deus deu-nos o seu amor, doou-nos o seu amor. O amor vem de Deus:

⁵⁸ MARTINS, O., *Rezar imprecações? O sentido da imprecação do Salmo 139 e a sua utilização na oração dos cristãos*, Estudos Teológicos, Coimbra, ISSN0873-6588, Ano 5, (2001) p. 104

⁵⁹ “The psalmist fully entrusts her or his life to God, for now (vv. 23-24a) and forever (v. 24b), secure in the conviction that he or she has been, is being, and will be ‘fully known’”(1 Cor 13:12).”, in J.C. MCANN JR, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996, pg 1237

⁶⁰ A. VAZ, “Entender a Bíblia, viver a Palavra” *Com o método da lectio divina*, Edições Carmelo, 2004, pp. 112-113

Deus é amor. Aqui estão, irmãos, nas tuas mãos as Escrituras de Deus: esta epístola é um desses textos canônicos; é lido em todas as igrejas, é admitido na autoridade do mundo inteiro, ela mesma edificou o mundo. Ouve o que é dito pelo Espírito de Deus: Deus é amor.”⁶¹

Em 1Jo 4, 7, é-nos dito que o amor de Deus é a fonte da nossa capacidade para amar o próprio Deus e para nos amarmos uns aos outros pelo Filho Jesus Cristo e pela ação do Espírito Santo. No v.8, é reconhecido que Deus é amor, isto é, o autor não diz que o amor é uma das coisas que Deus faz, mas é tudo o que Deus é na sua essência. Assim, faz notar Santo Agostinho que as duas expressões “o amor vem de Deus “ (v.7) e “Deus é amor” (v.8) se completam uma na outra na dimensão Trinitária de Deus.⁶² Na descrição do amor divino, em 1Jo7, há um eco da despedida de Jesus dos Seus discípulos (Jo, 13:31-35; 14:15-15:17; 17:20-26). Esta Primeira Carta de S. João está, assim, em estreita ligação com o Quarto Evangelho, apresentando muitas passagens com uma força que lhe vem da continuidade da tradição Joanina⁶³. Tudo remete para Jesus. Os versículos 7 a 9, no meu entender, resumem a ideia principal de todo o texto, a qual se vai repetindo de diversas formas, no desenrolar do mesmo. Como anteriormente referi, no comentário ao Salmo 139 (138), estes versículos (particularmente o versículo 8) encontram paralelo em Rm 8, 31: “Que mais havemos de dizer? Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?”. Deus é-nos apontado como um Pai que providencia e ama, sendo que o centro está inteiramente no Filho, que encarnou e deu a vida por nós.⁶⁴ Explicitamente, a Palavra última é o Filho de Deus, é um apelo ao amor, saber acolher esse amor para saber amar os outros (vs. 10-11).

^{7*}Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus.^{8*}Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.^{9*}E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida.^{10*}É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.^{11*}Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros.^{12*}A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós.^{13*}Damos conta de que permanecemos nele, e Ele em nós, por nos ter feito participar do seu Espírito.1Jo 4,7-12

⁶¹Cf. *Opere di Sant'Agostino*, Commento al Vangelo di S. Giovanni e alla Prima Epistola di S. Giovanni, Ed. Città Nuova, Roma, 2012.Homilia 7, 5.

⁶² Cf. *Opere di Sant'Agostino*, Commento al Vangelo di S. Giovanni e alla Prima Epistola di S. Giovanni, Ed. Città Nuova, Roma, 2012.Homilia 7, 7.

⁶³ Cf. P. PERKINS “The Johannine Epistles”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al.,The Bath Press Avon, 1996, p. 987

⁶⁴ “There could hardly be a more Christocentric writer than John, yet his very Christocentricity is theocentric”; “The Father is Greater Than I’ John 14:28: Subordinationist Christology in the New Testament”, in C.K. BARRETT, *Essays on John*, Philadelphia: Westminster, 1982 , p.32.

A comunicação e a relação de Deus com a humanidade atingem, de facto, a sua perfeição, no envio da pessoa de Jesus Cristo, na Sua entrega e na total doação de Si próprio. Esta é a ideia chave e aquela que o autor nos transmite, ao longo do texto, a certeza de que o nosso chamamento como cristãos vem dessa doação e também encontra paralelismo em Ef 5, 1-2. A expressão “vítima de expiação” aponta a morte de Jesus como um sacrifício, à semelhança dos sacrifícios do Antigo Testamento (Ex 29, 36-37), sendo que o sacrifício voluntário de Jesus revela a grandeza do Seu amor. Este trecho da Primeira Carta de S. João aparece como uma condensação de toda a Mensagem do Novo Testamento, remetendo para diversos textos dos Evangelhos (e outros). Tem um particular paralelo com o Evangelho de S. João (Jo 3, 34-35; Jo 5, 36-37). A ideia de que nunca ninguém viu a Deus (v. 12) também surge, no quarto Evangelho (Jo 1, 18) e na primeira Carta a Timóteo (1Tm 6, 16), tal como aparecia no Antigo Testamento (Ex 33,20). O acesso à visão de Deus não se faz pela visão, mas pelos efeitos do amor e é este que permite entender o próprio Deus e fazê-lo presente no meio de nós: “Deus é invisível; não se deve procurá-lo com os olhos, mas com o coração. (...) Quem tem amor vê com a mente tudo mesmo tempo. Portanto, habita no amor e esse habitará em ti; fique nele e ele permanecerá em ti.”⁶⁵

Os tempos verbais mudam entre 1Jo 4:7-12 e 1Jo 4:13-21. Os primeiros aparecem no passado, manifestando que Deus nos amou, em primeiro lugar e, na segunda parte, os verbos surgem no presente, retratando a permanência do amor de Deus na Igreja que ama.⁶⁶ Em S. João, no capítulo 14, 23, Jesus revela que Deus habita em nós pelo amor, tal como em 1Jo 4, 15-16. Acreditar e amar são mandamentos complementares, a que os cristãos são chamados.⁶⁷ Nos versículos 17-18, somos remetidos para a confiança no julgamento de Deus, como expressão de perfeição, de maturidade no mesmo amor. Esta ideia já surge anteriormente no Capítulo 3, 19-20. É o apelo à confiança do coração no amor de Deus, ou seja, da inteligência e da vontade, para além da afetividade, pois na antropologia semita, o coração é a sede de tudo isso. A

⁶⁵ Cf. *Opere di Sant'Agostino*, Commento al Vangelo di S. Giovanni e alla Prima Epistola di S. Giovanni, Ed. Città Nuova, Roma, 2012. Homilia 7, 10.

⁶⁶ Cf. C. C. BLACK, “1John 4: 13-21, By this we know that we abide in God and God in us”, Volume XII, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1998, p. 431.

⁶⁷ Cf. C. C. BLACK, “Love is what God through Jesus Christ has given the church to know about God and to communicate to others”, Volume XII, *The New Interpreter's Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1998, p. 433

ideia do Deus misericordioso está presente, também, no Antigo Testamento, sendo exemplo da mesma o diálogo de Deus com Moisés (Ex 33,19).

Nos versículos 19 e 20 deste quarto capítulo da Primeira Carta de S. João, é evidente uma imensa clareza no que é apresentado e pedido. Depois de todas as explicações sobre a razão pela qual devemos amar a Deus, é reforçada a ideia de que Deus nos amou primeiro e é por isso que nós amamos (1Jo 4, 19). É claramente especificado que só amamos realmente a Deus se amamos os outros (1Jo4, 20). Neste último versículo, imediatamente se associa o diálogo de Jesus com o fariseu, sobre qual o maior mandamento da lei, em que Jesus apresenta o maior como o amor a Deus e acrescenta o segundo, o do amor ao próximo, como semelhante ao primeiro (Mc 12, 29-31). Amar é responsabilidade dos cristãos que se sabem amados por Deus (Mt 18:33). Por isso, o último versículo resume o apelo que é feito na Carta (1Jo 4, 21). Mais uma vez, o autor remete para o Quarto Evangelho (Jo 13, 34; Jo 15, 12). O amor de Deus por nós (1Jo 4:16-17) e o nosso amor por Deus (1Jo 4, 20-21) apontam para a perfeição no nosso amor uns pelos outros (1Jo 4:7, 11-12, 20-21).

Cristo é a forma de o Pai comunicar e Se relacionar conosco. Cristo é a perfeição do amor e é para essa perfeição que tende o agir do ser humano. “Os atos humanos não são diferenciados se não a partir da raiz da caridade. (...) Ama e faz o que quiseres; se calares, cala por amor; se falares, fala por amor; se corrigires, corrige por amor; se perdoares, perdoa por amor; seja em ti a raiz do amor, pois desta raiz não pode proceder senão o bem.”⁶⁸ Só no amor a Deus falamos a mesma linguagem. Só no amor pelos outros estamos em e com Deus, capazes de nos deixar habitar por Ele, de O deixar viver em nós. É esse o caminho para a perfeição do amor e da relação com Deus. Cada vez que somos interpelados no sentido de perdoar alguém, ao dar espaço a Deus para o fazer em nós e por nós, estamos a caminhar para essa maturidade. Cada vez que sabemos agradecer cada um dos aspetos e pessoas da nossa vida, levando a nossa cruz erguida ao lado da de Jesus, tudo e todos acolhendo e contemplando com esse amor que sabemos perpassá-la, caminhamos no mesmo sentido de perfeição. A perfeição do amor.

⁶⁸ Cf. *Opere di Sant'Agostino*, Commento al Vangelo di S. Giovanni e alla Prima Epistola di S. Giovanni, Ed. Città Nuova, Roma, 2012. Homilia 7, 8.

CAPÍTULO IV - LECIONAÇÃO

1. Ensinar e aprender em EMRC

“Manifestei-vos estas coisas para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa” Jo 15, 11

Entendo a importância da leccionação da disciplina de EMRC enquadrada dentro do anúncio de Cristo solicitado interiormente a qualquer cristão, como um meio que é posto ao nosso dispor para o fazer. Como tal, lembro aqui algumas palavras de Bento XVI, “Por isso, fazendo-me eco dos Padres, dirijo-me a todos os fiéis com as palavras de São João na sua primeira carta: «Nós vos anunciamos a vida eterna, que estava no Pai e que nos foi manifestada – o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco. Quanto à nossa comunhão, ela é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo»”⁶⁹

No mesmo documento, acrescenta o Papa emérito: “Com efeito, participar da vida de Deus, Trindade de Amor, é *a alegria completa* (cf. 1 Jo 1, 4). E é dom e dever imprescindível da Igreja comunicar a alegria que deriva do encontro com a Pessoa de Cristo, Palavra de Deus presente no meio de nós.”⁷⁰

É nesse sentido que um dos desafios mais sérios que se coloca a EMRC, é o perceber como fazemos esse anúncio, que constitui parte integrante da nossa missão de cristãos, através desta disciplina que aparece no meio escolar de um modo bastante secundário e irrelevante, uma vez que, por não fazer parte obrigatória do currículo, concorre muitas vezes diretamente com o recreio dos alunos. “O «servidor da Palavra» hoje tem a grave tarefa de retraduzir a mensagem, de maneira a que esta se ajuste à estrutura social e cultural do seu mundo.”⁷¹

Sobre esta tarefa, diz a Conferência Episcopal Portuguesa: “EMRC é um lugar privilegiado de desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado como pessoa, na integridade das dimensões corporal e espiritual, e da abertura á transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir”⁷²

⁶⁹ BENTO XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini*, nº 2, Paulinas Editora, Lisboa, 2010.

⁷⁰ BENTO XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini*, nº2, Paulinas Editora, Lisboa, 2010.

⁷¹ A. VAZ, “Palavra viva, Escritura Poderosa”, *A Bíblia e as suas linguagens*, Universidade Católica Editora, Lisboa 2013, p. 463

⁷² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica –Um valioso contributo para a formação da personalidade*, nº 11. Cf.

Refletindo sobre a realidade em que vivemos, a Conferência Episcopal Portuguesa frisa que “Por outro lado, verifica-se que há na sociedade e na escola uma crescente necessidade de valores hierarquizados, que pautem a vida, e uma procura de transcendência e de religiosidade, sem os quais a vida perde horizontes, confina-se ao imediatismo das situações quotidianas, torna-se efémera e conduz a uma sociedade vazia de sentido. Neste ambiente cultural, a EMRC desenvolve um trabalho importante e está significativamente implantada em todos os tipos de escolas: estatais, particulares e cooperativas, incluindo a escola católica.”⁷³

E, segundo o Secretariado Nacional para a Educação Cristã, a disciplina de EMRC “Responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”⁷⁴

Diz-nos ainda a Conferência Episcopal Portuguesa, que “o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes.”⁷⁵ É dos seus pontos mais importantes – perpassar os temas das outras disciplinas com o sentido ético, moral e pessoal/relacional que aponta para Cristo.

A importância deste contributo fica bem clara nesta frase do Papa Francisco, na sua encíclica *Lumen Fidei*: “Quando o homem pensa que, afastando-se de Deus, encontrar-se-á a si mesmo, a sua existência fracassa.”⁷⁶ Mais à frente, no mesmo documento, acrescenta o Papa Francisco: “A transmissão da fé, que brilha para as pessoas de todos os lugares, passa também através do eixo do tempo, de geração em geração. Dado que a fé nasce de um encontro que acontece na história e ilumina o nosso

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>. (obtido em 27-04-2016).

⁷³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica –Um valioso contributo para a formação da personalidade*, nº 4. Cf.

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/> (obtido em 27-04-2016).

⁷⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa da Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, p. III.

⁷⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica –Um valioso contributo para a formação da personalidade*, nº 8. Cf.

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/> (obtido em 27-04-2016).

⁷⁶ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, nº 19, Paulinas, Lisboa, 2013.

caminho no tempo, a mesma deve ser transmitida ao longo dos séculos”.⁷⁷ É nessa linha que os professores de EMRC são chamados a viver e a testemunhar Cristo nas Escolas onde se encontram, tanto com os alunos, como com a restante comunidade educativa.

No Programa de EMRC, podemos ler que: “A pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, está vocacionada para a bem-aventurança que corresponde ao desejo natural de felicidade. Essa vocação humana reveste-se de uma forma pessoal que, para o crente cristão, significa manifestar a imagem de Deus e ser transformado à imagem de Cristo.”⁷⁸

No mesmo, quando é referida a sua gestão, são apontados os conteúdos que indicam Textos Bíblicos ou Documentos da Tradição e do Magistério da Igreja como possuindo relevância pedagógica, pelo que devem ser trabalhados em profundidade.⁷⁹

Nessa linha, apontando para os objetivos pretendidos e tendo em conta as metas a alcançar, de acordo com as finalidades, ao debruçar-me sobre os conteúdos abordados, particularmente aqueles onde são utilizados Textos Bíblicos, procurei aprofundar essa mesma abordagem de um ponto de vista pedagógico, de acordo com as diretrizes indicadas e na linha da comunicação e do diálogo de Deus connosco através dos mesmos.

Importa reforçar aqui que a Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada com o mesmo espírito com que foi escrita (cf. *Dei Verbum* 12; *Verbum Domini* 29), como nos recorda ainda o Programa.⁸⁰

Tendo em conta os alunos e Escola que temos e onde levamos à prática essas abordagens e, finalmente, o posicionamento do Professor perante a própria Palavra, remetendo-o para uma contextualização que exige uma permanente actualização de si mesmo perante a realidade desafiante em que se move, procurei reflectir sobre a prática que se ia desenrolando ao longo deste tempo.

⁷⁷ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, nº 38, Paulinas, Lisboa, 2013.

⁷⁸ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, p. 163.

⁷⁹ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, p. 157.

⁸⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, p. 157.

2. A Escola e a Turma onde se desenrolou a PES

2.1. A Escola Básica de Santo António da Parede

Estamos perante uma Escola Pública e começo por lembrar que, no séc. XIX, a escola se limitava a ensinar a contar, a ler e a escrever⁸¹. Neste momento, vivemos um tempo em que a Escola é defrontada com a necessidade de acolher e preparar os seus alunos de um modo bastante mais lato e abrangente. Assistimos a uma instabilidade a nível familiar, social, económico e político, que radica numa crise de valores generalizada, da qual são exemplo máximo os ataques terroristas de que fomos recentemente testemunhas, e que só nos fazem consciencializar de forma mais aguda a necessidade da mudança de paradigma. Vivemos um tempo de mudança acelerada, com uma velocidade marcadamente superior à de há cinquenta anos atrás. Os desafios que se colocam à Escola do séc. XXI são, pois, bastante diferentes, englobando também o relacionamento com as famílias, pois as mudanças a esse nível colocaram do lado da Escola muito do que antes se processava em casa.

O projeto educativo do agrupamento, tem na sua introdução: “a escola transformou-se numa instituição cujo papel não se esgota na instrução, mas tem de ampliar o seu papel e veicular uma conceção do currículo que abrange, para além da dimensão do saber, as dimensões do ser, do formar-se, do transformar-se, do decidir, do intervir e do viver e conviver com os outros.”⁸²

No desenvolvimento integral da pessoa humana, a dimensão religiosa não pode deixar de estar presente⁸³, pelo que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica surge como espaço privilegiado na Escola para a consciencialização e assunção da mesma por parte dos alunos.

Deste modo, parto assim para uma caracterização da Escola e da Turma onde se desenrolou a minha prática de ensino supervisionada, para um melhor enquadramento, tendo em conta as pessoas com as quais fui chamada a transmitir a vivência da

⁸¹ R. I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008⁷, 7-8.

⁸² PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 23 de abril de 2015, p. 3 – a partir daqui citarei sempre este documento através da sigla AEP e o respetivo número de página. Exemplo: AEP, p. 3.

⁸³ “Esta concepção, que aponta para algo de universalmente humano, afasta-se daquilo que é o entendimento corrente, mas pode ajudar a entender como a religião no ser humano não pode morrer, mesmo que as religiões históricas possam envelhecer e porventura morrer. A possibilidade de uma existência humana concebida sem qualquer preocupação ou dimensão religiosa torna-se, nesta perspectiva, uma representação impossível, pois o princípio religioso não pode calar-se enquanto exista o ser humano.” – J. AMBROSIO, *Dimensão Religiosa e Condição Humana*, 21.

orientação por princípios e valores que vão no sentido de preservar e desenvolver a dignidade da pessoa humana⁸⁴.

2.1.1. Descrição física e geográfica

A Escola Básica Santo António de Parede situa-se na União das freguesias de Carcavelos e Parede, integrando o concelho de Cascais, que pertence ao distrito de Lisboa, abrangendo uma área de 8,11 Km², distando 6,5 Km da sede do Concelho, 12 Km de Lisboa e 72 Km de Setúbal. O início do seu funcionamento data do ano letivo 1972-73, aproximadamente há 44 anos. O estabelecimento de ensino é constituído por um só edifício, com dois andares, que foi recentemente restaurado e melhorado. Por determinação legislativa, desde o dia 3 de julho 2012, esta instituição educativa, juntamente com outras escolas, faz parte do Agrupamento das Escolas da Parede (AEP).

A localidade de Parede, que até 1953 integrou a Freguesia de São Domingos de Rana, emancipou-se administrativamente, nesse mesmo ano, através do Decreto-Lei n° 39208, abrangendo parte dos lugares de Buzano – localização precisa da escola sede do Agrupamento –, Junqueiro, Madorna, Murtal, Penedo e Rebelva. No entanto, com a reorganização administrativa de 2013, fruto da Lei 11-A/2013 (de 28 de Janeiro), passou a fazer parte da União de Freguesias de Carcavelos e Parede, com sede em Carcavelos.

Atualmente, a Freguesia de Carcavelos e Parede é uma das quatro freguesias que compõem o concelho de Cascais, estando limitada a sul pelo Oceano Atlântico, a nascente pelo concelho de Oeiras, a norte pela freguesia de S. Domingos de Rana e a poente pela União de Freguesias de Cascais e Estoril.

2.1.2. Enquadramento legal do Agrupamento de Escolas da Parede

O Agrupamento de Escolas de Parede, que teve o seu início no dia 3 de julho de 2012, resulta da união do Agrupamento de Escolas de Santo António com a Escola Secundária Lopes Graça, onde se situa a sede, sendo composto pela Escola Secundária Lopes Graça, pelo Jardim de Infância de Parede, pela Escola Básica do 1º ciclo n° 2 de Parede, pela Escola Básica de 1º ciclo com Jardim de Infância n° 1 do Murtal, pela

⁸⁴ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, p. 163.

Escola Básica do 1º ciclo nº 2 de S. Domingos de Rana e pela Escola Básica de Santo António. Como podemos observar, este conjunto de seis estabelecimentos, responde a uma das exigências prescritas pelo Decreto-Lei 75/2008, a saber, a diversidade etária, abrangendo o ensino desde o pré-escolar até ao secundário⁸⁵.

Este tipo de organização geográfico-administrativa, apelidada de “mega agrupamento”, tem por objetivo fomentar a unidade entre as escolas e os estabelecimentos de educação pré-escolar de um mesmo concelho, favorecendo a integração dos mesmos nas comunidades a que servem e promovendo a interligação do ensino com as atividades económicas, sociais, culturais e científicas. Como esclarece o mesmo Decreto-Lei, “um agrupamento de escolas é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de pré-escolar e escolas de um ou mais níveis e ciclos de ensino, com vista à realização das finalidades seguintes: a) Proporcionar um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos numa dada área geográfica e favorecer a transição adequada entre níveis e ciclos de ensino; b) Superar situações de isolamento de escolas e estabelecimentos de educação pré-escolar e prevenir a exclusão social e escolar; c) Reforçar a capacidade pedagógica das escolas e estabelecimentos de educação pré-escolar que o integram e realizar a gestão racional dos recursos; d) Garantir o funcionamento de um regime de autonomia, administração e gestão, nos termos do presente decreto-lei”⁸⁶.

2.1.3. Matriz sociológica do AEP

A União de Freguesias de Carcavelos e Parede, que alberga a Escola Básica de Santo António, onde decorre a nossa PES, que como vimos nasce com a reforma administrativa nacional das freguesias (Lei 11-A/2013, de 28 de janeiro de 2013), tem uma área de 8,11 Km² e cerca de 45 000 habitantes, com uma densidade populacional de 5 549,6 habitantes por Km². Uma vez que ainda não existem dados geográficos e populacionais posteriores ao à nova configuração administrativa, tivemos de recorrer aos censos de 2011 para caracterizar esta nova freguesia, tal como mostra a tabela que se segue.

⁸⁵ AEP, p. 10

⁸⁶ Decreto-Lei 75/2008, art. 6.

TABELA 1: A POPULAÇÃO (DADOS DOS CENSOS DE 2011)⁸⁷

Freguesia	Área	População
Carcavelos	4,51 Km ²	23 347
Parede	3,60 Km ²	21 660
União de Freguesias	8,11 Km ²	45 007

Do ponto de vista da mobilidade social, podemos constatar facilmente que a Parede faz parte de uma freguesia heterogénea, pois, embora na sua maioria a população residente seja originária de Lisboa, também podemos constatar a presença de população africana, da Europa de Leste, do Brasil, de etnia cigana, entre outras. Devido à crise económica vivida nos últimos anos, assistimos a uma tendência de diminuição da população oriunda do Brasil e da Europa do Leste, e ao aumento progressivo da comunidade chinesa. Na tabela que se segue podemos observar um aumento constante da população residente e a conseqüente expansão, nem sempre devidamente planeada, de Parede.

TABELA 2: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO⁸⁸

1960	1970	1981	1991	2001	2011
9 054	14 221	20 094	20 742	17 830	21 660

Como podemos observar, nos últimos 50 anos, a população residente regista um aumento exponencial, alterando os estilos de vida e a imagem da própria freguesia. Constatamos, por isso, um grande desenvolvimento desta freguesia, que graças ao seu microclima e às suas praias, é considerada zona de interesse terapêutico. Aliás, na viragem da década de 30, com a construção da marginal e a remodelação da estrada Lisboa-Cascais, facilitando os acessos a Lisboa, esta localidade, tal como outras da Costa do Sol, desenvolveu-se atraindo população de classe média-alta. Assim, desaparecem grande parte das velhas “quintas”, são demolidas muitas das construções

⁸⁷ http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros, obtido em 28/11/2016.

⁸⁸ http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/3_sociodemografia_socioeconomia_parque_habitacional.pdf, obtido em 28/11/16.

antigas, intensifica-se a atividade comercial e nascem furtivamente prédios, descurando os espaços verdes lúdicos de lazer.

De um modo genérico, os pais e encarregados de educação do AEP, na sua grande maioria, são trabalhadores por conta de outrem, operários e trabalhadores não qualificados, muitos deles em situação precária de emprego ou no desemprego. Aliás, o próprio agrupamento reconhece as fragilidades socioeconómicas de muitos dos agregados familiares e a verdadeira dificuldade que estas situações precárias significam na relação entre a família e a escola, nomeadamente, na urgência em acompanhar casos de risco. Assim, o AEP procura adaptar as suas práticas pedagógicas ao seu contexto social e ao perfil dos alunos, refletindo sobre as práticas do docente e oferecendo um atendimento personalizado através dos Serviços de Psicologia e de Apoios Educativos. Neste sentido, perante o aumento de défices afetivos e de socialização dos alunos, nomeadamente dos que vivem em condições socioculturais precárias e em situação de famílias desestruturadas, o agrupamento procura propor percursos escolares que respondam a todas estas problemáticas com respostas educativas adequadas.

Esta realidade social recorda-nos o que Arends refere em relação à pobreza, constatando que as classes sociais substituíram a ideia de raça⁸⁹. Se outrora nos distinguíamos pela raça, hoje, numa sociedade capitalizada, a distinção faz-se pelo poder económico e pelo emprego. A crise económica portuguesa, que lançou muitas pessoas na amargura do desemprego, teve um efeito nefasto no nosso agrupamento, levando muitas famílias à destruturação e ao desespero. A situação familiar chega a ser muito grave, quando falamos, não apenas de desempregados, mas de desempregados emigrantes. Um dos elos fundamentais do processo ensino/aprendizagem, a saber, a colaboração família/escola fica, assim, debilitado, dificultando este tipo de relação. Por outras palavras, dá-se uma descontinuidade ou até mesmo divergência entre a cultura da escola e a cultura da criança, que provém de um meio socioeconómico desfavorecido, embora sabendo que as dificuldades socioeconómicas não provocam por si, obrigatoriamente, insucesso escolar⁹⁰.

2.2. Escola: população discente

A população escolar da Escola Básica de Santo António de Parede provem de um meio social diversificado, em que prevalece a classe média, embora com um número

⁸⁹ Cf. R. I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008, pp. 60-61.

⁹⁰ Cf. M. CHERKAOUI, *Sociologia da Educação*, Publicações Europa América, s.d., 1994, p. 53.

considerável de alunos numa situação económica precária. Outra das características é a multiculturalidade, pois, uma parte considerável dos alunos provém de países como o Brasil, o Perú, Angola, Cabo Verde, Guiné, Bélgica, Holanda, Ucrânia, Romênia, Hungria, Bielorrússia, Bulgária, Rússia e China, sendo que o portal virtual da Escola nos informa que este estabelecimento de ensino se pode considerar uma referência na integração dos alunos portugueses com outros de ascendência estrangeira⁹¹.

Estamos perante um padrão diversificado, quanto à etnia, raça, religião e classe social, o qual constitui para a Escola um constante desafio, pois o que se revela uma grande riqueza, de um ponto de vista, pode também gerar atrito, se mal compreendido ou integrado. O “modo de vida de um determinado grupo, as suas histórias, tradições, atitudes e valores”⁹² precisa pois de ser orientado e acompanhado, no sentido de um diálogo permanente, conduzido no sentido do acolhimento do outro, tendo em vista a interação e o crescimento conjunto.

A Escola busca a continuidade entre os três Ciclos de ensino que abarca, como se entende na legislação para a criação de agrupamentos e intervém ativamente na vida da comunidade, procurando prevenir a toxicodependência e outros caminhos igualmente desviantes. Junta a preocupação em valorizar os costumes e tradições dos vários alunos ao especial cuidado com os alunos que apresentam comportamentos “fora da norma” ou dificuldades na aprendizagem. Os projectos de integração e recuperação de elos culturais valeram ao Agrupamento, no ano de 2013, a atribuição, por parte do Ministério de Educação, do “prémio por eficácia educativa”.

Aqui fica bem ilustrado o lema da Escola, que é – “uma casa de cultura, uma casa de aprendizagem e uma casa de afetos”. Se consultarmos o portal virtual da escola, vimos que esta desde sempre procurou instituir uma “rede de afetos”, da qual resulta a integração de alunos das diferentes culturas, embora com a sobreposição da cultura dominante do país acolhedor – mas o reconhecimento e a interacção da diversidade cultural resulta vantajoso para todos.⁹³

2.3.Caraterização da Turma do 6ºAno de EMRC

A turma de EMRC de 6ºAno que leccionei caracteriza muito bem a população da Escola de Santo António da Parede. Por sugestão da Professora Cooperante, foi realizado um inquérito aos alunos da turma, para melhor a poder caracterizar.

⁹¹ <http://www.aesap.edu.pt/portal.htm>

⁹² Cf. R. I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008, p. 61.

⁹³ Cf. R. I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008, p.61.

É composta de vinte e seis alunos, a saber: três do 6ºA, três do 6ºB, nove do 6ºE, sete do 6ºF e quatro do 6ºG. Os alunos nasceram em 2005, pelo que, em termos etários, existe homogeneidade – existem apenas duas exceções, um aluno do 6ºE, e um aluno do 6ºB, que nasceram em 2004 e perderam um ano. Os alunos vivem perto da Escola, vindo maioritariamente a pé, sendo que dois mencionaram utilizar transporte público e nove no carro de família.

Todos os alunos têm um bom domínio da língua portuguesa, embora haja três alunos de ascendência Cabo Verdiana, uma aluna com o Pai Angolano e a Mãe Cabo Verdiana, dois alunos Luso-angolanos, uma aluna Luso-espanhola, uma aluna de ascendência Brasileira e uma aluna cuja Mãe é Brasileira.

Relativamente às habilitações literárias dos membros do agregado familiar, cinco referiram um Curso Superior por parte dos Pais, sete assinalaram o Ensino Secundário, quatro, Ensino Básico e os restantes não fizeram qualquer referência.

À exceção de um aluno, todos disseram que eram ajudados pelos Pais (por um deles) ou irmãos em casa, no que diz respeito ao estudo.

Doze alunos usufruem dos serviços de Ação Social Escolar, sendo cinco beneficiários de escalão A, cinco de escalão B e um de escalão C.

No que diz respeito às disciplinas preferidas pelos alunos, a Educação Tecnológica e Educação Visual, rivalizam com a História e a Matemática, sendo que, curiosamente, a História e a Matemática estão também nas que apresentam maiores dificuldades – obviamente, cada uma referida pelos alunos que escreveram a outra como preferida. Ciências e Educação Física também são muito valorizadas por vários alunos.

Quase todos os alunos mencionaram terem sido os Pais a inscrevê-los na Disciplina de EMRC, sendo que a opção foi assumida por eles como positiva, pois acham que podem aprender algo que os ajude na sua formação como pessoas. Houve um aluno que disse ter sido sua a opção e outro que referiu claramente ser a opção unicamente dos Pais.

A diversidade e o leque de necessidades sentido por parte dos alunos constituiu realmente um enorme desafio, sobretudo neste campo de ajudar ao crescimento, sobretudo sob o ponto de vista de formação dos alunos, pois, como diz Richard Arends, “Compreender os alunos e a forma como estes aprendem em salas de aula diversificadas é um dos mais importantes desafios do ensino.”⁹⁴ E esse ponto de partida é

⁹⁴ Cf. R. I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008, 41.

extremamente importante para que cada aluno venha a possuir uma “chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história e colabore na maturação da sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.”⁹⁵

3. Leccionação da disciplina de EMRC

A Conferência Episcopal Portuguesa afirma que “a EMRC, integrada no sistema educativo, é um contributo que «responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.»⁹⁶

As Metas propostas organizam-se dentro de três domínios, a saber: Domínio da Religião e Experiência Religiosa, Domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida e Domínio da Ética e da Moral. As referidas Metas têm apontam para a formação integral de cada aluno, para que se realize e configure totalmente com Cristo. As diferentes Metas indicadas encontram eco pleno na Encíclica *Lumen Fidei*, do Papa Francisco.⁹⁷

Dentro das finalidades da Disciplina, relevo as que são particularmente trabalhadas na Unidade Letiva 1 do 6ºAno: conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos, adquirir uma visão cristã da vida, apreender o fundamento religioso da moral cristã e estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade.

Tal como referi na Introdução, foi com base nas finalidades apresentadas pelo Programa de EMRC para a Unidade Letiva 1 do 6ºAno que desenrolei a minha prática letiva, tendo em conta a caracterização psicológica dos alunos que se encontravam na faixa etária a que me referia. Na minha prática pedagógica, procurei, sempre que possível, centrar-me nos alunos, favorecendo particularmente a discussão em sala e a participação ativa no desenrolar da aula.

⁹⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014.

⁹⁶ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, Apresentação III.

⁹⁷ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, Apresentação IV-V.

3.1.Caraterização psicológica dos alunos do 2ºCiclo

Dimensão da Experiência Humana	Dimensão da Reflexão Religiosa	Dimensão da Interpretação Ético-moral
<p>Crescente consciência de si e da diferenciação entre capacidades e fragilidades, associadas a emoções de orgulho e vergonha. Perceção de que os outros interpretam os acontecimentos e podem desconstruí-los e de que o comportamento pode esconder sentimentos e intenções. Mantém-se a importância referencial da família, mas os pais são cada vez menos deificados e onnipotentes. Os colegas e vizinhos proporcionam companhia, pontos de vista e experiências intelectual e emocionalmente relevantes.</p> <p>A liderança dos grupos de amigos é errática e autoritária. Ainda não há uma diferenciação clara entre jogo competitivo e aprendizagem escolar.</p>	<p>Ultrapassa as limitações do pensamento intuitivo. Tenta reproduzir explicações lógicas: falha por falta de experiência. Mensagens entendidas literalmente, mesmo as mais simbólicas. Interpretação antropomórfica. Entendem a missão de Cristo. Apreciação mais espiritual do facto religioso mas com algumas noções ainda mágicas.</p>	<p>Sensibilidade para a convenção social. Só segue as regras quando são do seu interesse. Na partilha, é justo o que é igual.</p> <p>Se bem que considera que os pontos de vista podem ser diferentes, o acento fixa-se no próprio ponto de vista.</p> <p>Empatia alargada aos desconhecidos.</p> <p>Cooperação e compromisso crescentes.</p> <p>Vergonha e culpa face ao erro moral.</p> <p>Desejo crescente de ajudar como objetivo pessoal.</p>

3.2. Escola e EMRC: teórica e prática

METAS E OBJETIVOS DO 6º ANO	UL 1	UL 2	UL 3
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	1, 2	3,4	
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo	6	1	
G. Identificar os valores evangélicos	3, 4	2	
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	5		
J. Descobrir a simbólica cristã			5,6
K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com fundamento religioso		2	
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano		5	
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro			7
O. Amadurecer a responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	7		1, 2, 3, 4

4. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada

Relativamente à PES, quero referir que foi uma experiência que me foi extremamente gratificante por várias razões. Em primeiro lugar, tinha realmente saudades de trabalhar com outro tipo de alunos – há vinte e seis anos que trabalho no Colégio de S. João de Brito, em Lisboa, mas leccionei em Escolas Públicas e fora de Lisboa (um ano na Ericeira, três em Coruche – onde cheguei a fazer parte, por um ano, do Conselho Diretivo, como membro destacado – e um em Salvaterra de Magos). Em todas estas Escolas dei aulas de Português e Inglês a alunos do 2ºCiclo, exceto na Ericeira, onde tive alunos do 7º, 8º e 9º Anos. Se bem que tivesse passado muito tempo, houve encontros que reavivaram em mim memórias particularmente gratificantes ao longo deste tempo da PES, pois embora tenha dado vinte e cinco anos de Catequese em Coruche, é sempre diferente o contato com as crianças em sala de aula. O fato de ter feito a Profissionalização em Inglês e Português sem a necessidade da parte prática ao fim de dezasseis anos de ensino foi, por um lado, menos cansativo, mas também menos enriquecedor.

Em segundo lugar, considero que a relação estabelecida entre a Professora Cooperante, Dra. Luisa Carvalho e os Estagiários foi realmente fora de série. No princípio, como aliás refleti nos meus relatórios de aula, foi-me difícil integrar de forma correta a sua presença na sala de aula, pois estou tão habituada a gerir sozinha o espaço que não fiz a ponte de modo certo com os alunos. Também fez parte da minha

aprendizagem e devo dizer que a humildade e acolhimento da Professora foram aqui fundamentais.

A presença do Professor Juan Ambrósio na observação e comentários foram particularmente positivos, fazendo-me sentir um apoio no sentido da superação das dificuldades, na sua supervisão e orientação. Também assim senti o acompanhamento feito pela Professora Cristina Sá Carvalho, não me esquecendo das circunstâncias particulares em que foi feito. Se a eles devo, para além do acompanhamento, a atribuição da Escola, Professora Cooperante e Estagiários com que fiquei, sinto-me particularmente agradecida. Para além disso, embora talvez fosse o que mais me custou fazer, foi extremamente importante ser obrigada a organizar melhor a minha planificação. A fidelização aos “timings” durante o tempo de aula, de princípio, funcionou mais como inibidora do que como libertadora, mas com o andar do tempo, deixou de me afligir e, realmente, a questão de ter os esquemas e materiais mais bem organizados foi extremamente tranquilizadora na prática pedagógica.

Foi também muito enriquecedor o poder estar e aprender com duas Religiosas Salesianas – a Irmã Mafalda Monteiro e a Irmã Linda Vieira, e um Padre Jesuíta, o Padre Carlos Carvalho, todos de uma extraordinária entrega, generosidade e dedicação, com ideias e tipos de organização que me têm ajudado a adaptar algumas práticas. Também nos possibilitou algum trabalho em conjunto, que é a forma como gosto mais de trabalhar e com temos vindo a fazer cada vez mais no Colégio de S. João de Brito. Reconheço que o apoio do Padre Carlos, em termos de organização, foi particularmente importante para mim, de modo mais direto, devido também à função que desempenha no Colégio.

Não deixou de ser também gratificante, divertido e motivador o facto de ter três Colegas de Estágio pouco mais velhos do que as minhas filhas, tendo eu a idade da Professora Cooperante.

Passando para a relação com os alunos, a relação da Professora Luisa foi de importância fundamental para a abertura dos mesmos a tudo o que foi proposto, passando assim à prática, testemunhada pelas crianças, o facto de “ser pessoa é ser em relação”, reforçando a noção de que Deus estabelece uma relação connosco. O apoio incondicional proporcionado pela Professora Cooperante e a ajuda e colaboração que senti por parte dos outros três estagiários foram extraordinários. Terão contribuído ainda bastante para a boa relação com os alunos os encontros mais informais estabelecidos com o Peddy-paper em Sintra ou o almoço de Natal.

5. A Unidade Letiva 1, do programa de EMRC do 6º Ano: “A pessoa humana”.

5.1. Metas e objetivos da UL1 do 6º Ano de EMRC: “A Pessoa humana”

Passo agora a uma reflexão mais prática e direta sobre a Unidade Letiva 1 do 6º Ano de EMRC, com o título “A Pessoa Humana”. Recordo que esta Unidade tem como objectivos: reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros, identificar as diferentes dimensões da pessoa, valorizando a relação com o transcendente, promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto, identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança a partir da noção de dignidade humana, conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.

As metas que os orientam são: construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, identificar os valores evangélicos e conhecer o percurso da Igreja e o seu contributo para a construção da sociedade.⁹⁸

UL1 DO 6º ANO

METAS	OBJETIVOS
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	-Reconhecer cada pessoa como ser único que vive em relação com os outros -Identificar as diferentes dimensões da Pessoa Humana, valorizando a dimensão do transcendente
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	- perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano - Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana
G. Identificar os valores evangélicos	- Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação) - perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano

⁹⁸ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa da Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, p. 64.

5.2. Conteúdos correspondentes às metas e objetivos da UL1 do 6ºANO

Os conteúdos correspondentes a estas metas e objetivos são:

- Deus estabelece com todos uma relação pessoal: Sl 139 (138)
- Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”:
 - Estabelecer relações cordiais e verdadeiras;
 - Escutar;
 - Partilhar;
 - Ser atento e amável;
 - Comunicar bem;
 - Respeitar os outros;
 - Defender os direitos humanos;
 - Cumprir os seus deveres.⁹⁹

5.3. Reflexão sobre a leccionação

Há já dois anos que leciono esta Unidade Letiva, que me encanta, pois entendo que é um bom ponto de partida para uma aproximação dos alunos, enquanto se aponta para a caracterização da pessoa humana, incidindo na sua dignidade, levando-nos ao mesmo tempo à descoberta do Deus/Pessoa, do Deus/Amor, através de textos Bíblicos e refletindo na nossa vida e na nossa história pessoal e coletiva. Faço-o no Colégio de S. João de Brito, onde sou professora e onde conheço a grande maioria dos alunos antes de chegarem ao 6ºAno. Tenho tido a sorte/gracia de os ver crescer nas várias dimensões, pedindo ao Senhor que me faça ser um elemento positivo nesse crescimento, já que sou parte do processo.

Receber esta turma de 6ºAno na Escola de Santo António, do Agrupamento de Escolas de Parede, foi para mim um enorme desafio. Foi um desafio a encontrar-me com eles como pessoas e também a tentar gerir a sua diversidade na sala de aula, por forma a que aderissem à disciplina. Devo dizer que o Peddy-paper realizado a 9 de novembro foi muito útil para viver na prática a realidade da importância de cada aluno como pessoa.

⁹⁹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa da Educação Moral e Religiosa Católica*, Gráfica Almondina, Moscavide 2014, p. 65.

Tendo em conta a importância do “conhecimento profundo sobre a diversidade e a forma como os alunos aprendem”¹⁰⁰, procurei aproximar-me de cada um de modo diferente, tentando perceber o que eles entendiam sobre o que era “ser pessoa” e abordando-os individualmente por escrito através de uma pequena ficha que continha uma mensagem pessoal, com base em diálogos no dia do Peddy-paper ou nas frases escritas por eles.

Não foi fácil, mas tive presente que, sendo a dimensão espiritual a distintiva do ser humano, esta é ao mesmo tempo, extremamente humana – isso ajudou ao trabalho da própria Unidade, através da componente humana que fui tentando acrescentar. Se a “expectativa do professor influencia a «performance» dos alunos na disciplina”¹⁰¹, a minha postura foi esperar sempre mais em termos de envolvimento e de participação. Procurei que se sentissem chamados a participar ativamente nas aulas, entendendo cada um que a aula era para ele/ela.

Ao longo dos meses em que leccionei esta Unidade Letiva do 6ºAno, pude constatar que os alunos, embora provenientes de diversos ambientes e classes, demonstravam uma sensibilidade clara para os conteúdos e textos bíblicos, que lhes foram apresentados de várias maneiras.

Pareceu-me que, esse aspeto da cultura bíblica, pouco desenvolvido e trabalhado entre eles e apresentando nítidas dificuldades na abordagem inicial, devido ao “ruído” existente na comunicação (proveniente da diversidade dos alunos, da chegada à sala de aula a horas diferentes, das diferentes turmas a que os alunos pertenciam, do comportamento em que eram notórias as chamadas de atenção).

É um ponto que pode ter mais aprofundamento e gostaria de ver mais trabalhado e desenvolvido no programa, embora nele contemplado. Para a abordagem da relação com Deus, que é Pessoa e Se relaciona connosco, foi muito útil recorrer directamente ao texto de S. João, indicado no manual do aluno e ainda a um poema escrito pelo Padre Nuno Tovar de Lemos SJ, a partir do Salmo 139 (138) e musicado. A beleza dos textos e da música não deixa os alunos insensíveis; antes pelo contrário – são despertados pelo belo e assim abrem-se mais facilmente, tornando-se mais permeáveis à relação – pois ser pessoa é, realmente, ser em relação.

¹⁰⁰ Cf. R. I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008, p.41.

¹⁰¹ Cf. R. I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008, p.46.

Foi uma experiência bastante enriquecedora, pese embora as condicionantes a nível de tempo no que diz respeito à possibilidade, sobretudo, de maior presença na Escola de Santo António. O meu horário no Colégio continuou a ser completo, por força das circunstâncias (aliás, a aula que dava na Escola era, para mim, a terceira do dia), o que significou que os alunos da Escola de Santo António foram mais uma turma, que acolhi com carinho mas sem disponibilidade para estar com eles muito tempo, pois o meu tempo já estava muito tomado.

Finalmente, quero só referir que os alunos se manifestaram a nível humano de uma extraordinária riqueza, sendo assim confirmada a teoria de Arends relativamente à necessidade do respeito pela diferença e individualidade de cada um¹⁰² – ao sentirem-se respeitados e aceites na sua diferença, os alunos reagiram muito positivamente, abrindo-se aos conteúdos que foram tratados ao longo do trimestre. Isto remete-me também para a reflexão feita pelo Professor Joaquim de Azevedo: “O professor deve ensinar, educar, acolher com diversidade pessoal dos alunos e atender a multiplicidades de situações e universos familiares, deve exercer autoridade e formar os cidadãos segundo os valores mais caros à nossa cultura.”¹⁰³

6. A leccionação da Unidade Letiva 1 do 6ºAno

A leccionação desta Unidade Letiva foi o que me levou a querer aprofundar o uso dos textos bíblicos em sala de aula, pois a experiência com os alunos nesse sentido leva-me a entender que são a melhor maneira de contatarmos com o essencial do Cristianismo, a melhor maneira de abordar a relação de Deus connosco.

Desta Unidade Letiva, cujo tema é “A Pessoa Humana”, fazem parte dois textos bíblicos particularmente importantes – o Salmo 139(138) e um excerto da Primeira Carta de S.João (1Jo 4, 7-21). Estes dois textos são como que uma síntese do Antigo e do Novo Testamento, respectivamente.

À exceção destes dois textos, não houve um recurso significativo ao texto bíblico, o qual pode vir a ser mais utilizado em situação de sala de aula.

Em anexo, coloco as planificações relativas às aulas que dei, explicando cada uma no relatório abaixo.

¹⁰² Cf. R. I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008, p. 78.

¹⁰³ J. AZEVEDO, *Avenidas de Liberdade - Reflexões sobre Política Educativa*, Edições ASA, Porto 1994, p. 219.

6.1. Aula 1

O objetivo desta primeira aula de 6º Ano, da Unidade Letiva 1 era reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros, dentro da meta – construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.

Nível: 6º Ano		Unidade Letiva 1: A pessoa humana						
28 de setembro	Lição nº. 1	Sumário: Apresentação. Introdução ao programa						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação		
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único, que vive em relação com os outros.	Apresentação: Somos diferentes, mas parecidos. Somos todos pessoas	1. Acolhimento e pequeno diálogo sobre quem somos e o que vamos fazer	5 mn	caderno de registos	participação na aula		
			2. Sumário	5 mn				
			3. Divisão em pares, com três perguntas para fazerem uns aos outros: comida preferida, animal preferido, jogo preferido	10mn			quadro	
			4. Apresentação, começando por nós, adultos	10 mn				
			5. Perguntar o que acham necessário para a disciplina de EMRC e escrever no quadro (com a participação deles)	10 mn			papelinhos e lápis ou canetas	empenho nas tarefas propostas
			6. Cada um escreve num papelinho o que é para ele/ela "ser pessoa"					
			7. Ler as respostas	5mn				empenho no diálogo

Quadro 1 – UL1, Aula 1

Comecei por pedir para dispormos as mesas em quadrado. Dialogámos sobre a Disciplina de EMRC, fazendo seguidamente uma pequena apresentação a pares. Cada pessoa tinha de apresentar o par com quem ficou, dizendo o seu nome, a sua comida preferida, o seu jogo preferido e o seu animal preferido. O ambiente começou por ser bastante simpático, porque a disposição da aula, juntamente com o tipo de perguntas, quebrou o gelo e permitiu iniciar a relação de modo mais ou menos informal.

Em seguida, foi perguntado aos alunos o que é que achavam ser necessário para as aulas de Religião, registando no quadro as regras, materiais e sugestões que foram surgindo. Os alunos participaram ativamente e com gosto, definindo regras bastante simples e claras.

Depois, cada um escreveu num papelinho de rascunho o que era para si “ser pessoa”. Foram ouvidos e os papelinhos recolhidos no final. Como síntese, ficámos a conhecer-nos um pouco melhor, percebendo os interesses dos alunos.

6.2. Aula 2

Esta aula tinha como objetivo o mesmo da anterior, reconhecer a pessoa humana como um ser único que vive em relação com os outros, dentro da meta construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.

Nível: 6ºAno		Unidade Letiva 1: A pessoa humana				
12 de outubro	Lição nº: 2	Sumário: Ser pessoa. As três dimensões da pessoa humana.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único, que vive em relação com os outros.	A pessoa humana. Origem da palavra pessoa – persona. Ser pessoa é ser em relação. As três dimensões da pessoa humana: a biológica, a social e a espiritual.	1. Sumário 2. Acolhimento e pequeno diálogo - entrega dos papelinhos com o que escreveram sobre ser pessoa, para colar no caderno. 3. Dar também as regras, materiais e sugestões para a disciplina 4. Pedir 3 voluntários para segurarem em 3 imagens (coladas em cartolina) – depois colá-las no quadro com bostik 5. Pedir 2 voluntários – um para ler e outro para pôr uma máscara — leitura da origem da palavra pessoa 6. Um voluntário para escrever no quadro	5 mn 5 mn 10mn 5 mn 5 mn 5mn	caderno de registos . registos – ser pessoa - regras . quadro: as 3 dimensões da pessoa humana . 3 fotografias - planta - animal - pessoa a rezar (Anexos I, II e III) . Manual, página 14 - Ser pessoa é ser em relação	. participação na aula . empenho nas tarefas propostas

Quadro 2 – UL2, Aula 2

Eu trouxe para esta aula as respostas que cada aluno tinha dado sobre o que era para si “ser pessoa” com os respetivos nomes, cortados em tiras, para que pudessem colar no caderno.

Também foram distribuídas as regras, elaboradas em conjunto, para que os alunos as colassem no caderno.

As mesas colocadas em U deixaram de ter efeito positivo, pois o número de alunos tornou-se maior. Os alunos gostaram bastante de receber a frase que tinham dito para a colar no caderno. Para definirmos as três dimensões essenciais da pessoa humana – biológica, social e espiritual foram alguns alunos voluntários ao quadro colocar com bostik três fotografias em cartolina, uma de cada vez (ver Anexos I, II e III). Dialogámos brevemente sobre elas, com participação ativa e interessada por parte dos alunos.

Em seguida, pedi a um aluno para colocar uma máscara, partindo da palavra “persona” para falar da pessoa humana – enquanto um outro aluno lia a definição do livro, como base para falar sobre a pessoa humana. Finalmente, escrevi no quadro para passarem a frase: “Ser pessoa é ser em relação.” Como síntese, perceber que a pessoa

humana possui uma dimensão diferente, que a distingue dos animais – a dimensão espiritual.

6.3. Aula 3

O objetivo desta aula era identificar as diferentes dimensões da pessoa, valorizando a relação com o transcendente. As mesas começaram a estar dispostas da forma tradicional, viradas para o quadro.

Nível: 6º Ano 19 de outubro		Unidade Letiva 1: A pessoa humana				
Lição nº: 3		Sumário: As dimensões da pessoa humana – continuação. A importância da dimensão espiritual.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. identificar as diferentes dimensões da pessoa, valorizando a dimensão com o transcendente.	Aprofundamento das três dimensões da pessoa humana, relevando a espiritual	1. Sumário (entrega dos pedidos para trazerem caderno – colam na caderneta)	10 mn	caderno de registos	participação na aula
			2. Recordar as dimensões e começar por ler características biológicas sublinhadas, pg. 16 Manual	5 mn	Manual, pg. 16 texto do profeta Isaías	
			4. Diálogo sobre a importância do nome na família e no grupo de amigos – dimensão social	5 mn	diálogo	
			5. Atividade sobre as diferentes formas de comunicação (pg.21)	5 mn		participação no diálogo
			6. Diálogo e leitura dos sublinhados da dimensão espiritual e trabalho a pares – pg. 23	10 mn	cadernos de registos Manual, pg. 23	
			7. Ouvir as respostas e concluir com a importância de amar.			
			9. Deus fala – pgs 28-29	10 mn		empenho nas tarefas propostas

Quadro 3 – UL 1, Aula 3

No manual, que alguns dos alunos tinham, fizemos a leitura do essencial da dimensão biológica. Partindo da importância que, para nós, tem o nome na família e no grupo de amigos, dialogámos sobre a dimensão social da pessoa humana. Com o auxílio de uma proposta do manual, identificámos e dialogámos sobre os vários tipos de comunicação, em que apontámos para a importância do amor na mesma.

Houve um diálogo bastante mais profundo e interessante sobre a dimensão espiritual, aproveitando o facto de se encontrar presente um sacerdote da Companhia de Jesus, que explicou as funções de um sacerdote e também o significado da existência das Ordens religiosas. Como síntese, revimos as dimensões da pessoa humana, relevando a importância da dimensão espiritual e a capacidade de amar.

6.4. Aula 4

Dentro da meta “identificar os valores evangélicos”, o objetivo era “promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto” (vocação).

Nível: 6ºAno		Unidade Letiva 1: A pessoa humana.				
26 de outubro		Lição nº: 4 Sumário: A autenticidade. Deus ama-nos e dá-nos a liberdade.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projecto (vocação)	A autenticidade – cada pessoa vale pelo que é e não pelo que tem. Nós amamos, porque Deus nos amou primeiro	1. Sumário	10 mn	. caderno de registos	. empenho no trabalho proposto e participação .participação na aula . participação e empenho nas tarefas
			2. Recordar as regras que elaborámos	10 mn	. powerpoint (Anexo IV)	
			3. Apresentação de powerpoint sobre a autenticidade da pessoa humana, que termina com frases deles	5mn	.Manual ou fotocópias	
			3. Pequena reflexão e trabalho de pares, buscando 6 palavras positivas e 6 negativas na sopa de letras - . escrever as palavras no quadro – convidar dois para o fazer	10 mn	. quadro	
			4. 1Jo 4 – Carta de S. João dividida por versículos, para lerem	5 mn	. 1 Jo 4, 7-21 – versículos em tiras de papel (Anexo V)	
5. Onde termina a liberdade do ser humano – onde a do outro começa (registo da frase)	5mn	. diálogo com dramatização. caderno de registos				

Quadro 4 - UL 1, Aula 4

Iniciámos a aula como uma apresentação em PowerPoint sobre o que é ser autêntico, dialogando com eles no fim para ouvir o que achavam (ver Anexo IV). Em seguida, procurámos seis palavras que definiam uma pessoa autêntica e oito que definiam uma pessoa não autêntica numa sopa de letras da página 26 do manual. Foi um trabalho realizado a pares pela maioria dos alunos.

Seguidamente foi distribuída aos alunos, em tiras (cada uma correspondendo a um versículo), o texto da Carta de S. João - 1 Jo 4, 7-21 (ver Anexo V), que os alunos leram, sendo solicitados a fazê-lo de acordo com o versículo que tinham. Foi um momento bastante positivo, em que se ouviram uns aos outros em silêncio. Fiz depois uma breve reflexão sobre o fato de Deus nos ter amado primeiro e nos amar tal como somos.

Finalmente, com a ajuda de uma pequena dramatização, perguntei onde termina a liberdade do ser humano, ao que responderam ser onde a do outro começa.

Na Síntese, concluímos que somos levados a refletir sobre a autenticidade e sobre o que nos leva a querer ser autênticos e livremente responsáveis – o amor de Deus por nós.

6.5. Aula 5

Sendo a meta identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo, o objetivo desta aula era perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

Nível: 6º Ano		Unidade Letiva 1: A pessoa humana.				
2 de novembro		Lição nº: 5				
Sumário: Deus é pessoa e estabelece uma relação pessoal com cada um. Como somos. Ele diz-nos isso na Palavra.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
E. Identificar o núcleo central do Cristianismo e do Catolicismo	6. perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano	Deus estabelece com todos uma relação pessoal	1. Acolhimento – nomes (e turma) de cada um em cima das mesas para se sentarem e sumário	5 mn	. usb com sumário e apresentação (Anexo V)	. empenho no trabalho proposto
			2. Recordar carta de S. João (aula anterior, síntese) – Deus é amor	10 mn	. Bíblia	
			3. Leitura dos versículos de Isaías	5 mn	. diálogo da Maria e do Miguel digitalizado	
			4. Pequena ficha em que cada um escreve uma característica sua e uma que goste nas outras pessoas	5 mn	. Fichas para os alunos	
			5. Recolha das características e afixação num diapositivo projectado com a forma de mundo	10 mn	. continuação da apresentação	
			6. Poema “Conta as estrelas do céu” – inspirado no Salmo 139, do Padre Nuno Tovar de Lemos, SJ - sublinham a frase que mais gostam	10 mn	. Poema policopiado (Anexo VI) - viola	
						. diálogo e participação dos alunos na proposta de reflexão pedida
						. Participação na elaboração da tarefa proposta

Quadro 5 - UL1, Aula 5

Os nomes dos alunos estavam em folhas que cada um levava para a mesa que escolhia. Alguns lugares foram destinados por mim, por causa do comportamento. Escrevemos o Sumário e vimos uma apresentação em Powerpoint onde estava escrito um dos versículos da Carta de S. João – 1 Jo 4, 7 (ver Anexo V) .Concluímos - é preciso amar, porque Deus é amor.

Vimos que Deus fala muitas vezes connosco, de várias maneiras. Seguimos o diálogo do Miguel e da Maria, nas páginas 28 e 29 do Manual.

Distribuí depois uma pequena ficha onde tinham espaço para escrever uma qualidade que os definia a eles e outra que gostassem nas outras pessoas. Com bostik,

vinham afixá-las no quadro, onde estava projetado o mundo, sustentado por várias mãos.

Foi entregue a cada um uma folha com o poema do Padre Nuno Tovar de Lemos SJ, “Conta as estrelas do céu”, baseado no Salmo 139 (ver Anexo VI). Cada um foi convidado a ler a frase que mais lhe tocava. Esta parte correu muito ordenadamente e com respeito da parte de todos. Seguidamente, peguei na viola e cantei o poema, chamando a atenção de que os Salmos foram escritos para serem cantados.

Foi um momento bastante apreciado pelos alunos, alguns dos quais conseguiram mesmo aprender e cantar a música, comentando e reconhecendo assim melhor o louvor implícito no Salmo. Como síntese da aula, concluímos que Deus me conhece e me ama tal como sou, estabelecendo uma relação pessoal comigo.

6.6. Aula 6 (esta aula foi depois de um Peddy-paper em Sintra)

A meta subjacente a esta aula era “conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade” e o objetivo “identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana”.

Nível: 6ºAno	Unidade Letiva 1: A pessoa humana.					
16 de novembro	Lição nº: 6	Sumário: Direitos e deveres da pessoa humana. Organizações de defesa dos direitos humanos. Avaliação Peddy-paper.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
G. Identificar os valores evangélicos	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana	A pessoa humana tem direitos, que foram sendo cada vez mais reconhecidos ao longo da história humana, embora nem sempre respeitados	1. Sumário	10 mn	caderno de registos .quadro	Participação dos alunos no registo e no diálogo
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade			2. Porque sou pessoa: ... tenho direito a tenho o dever de...	3. Friso cronológico – direitos humanos ao longo da história		
			4. Visionamento de um filme sobre a Evolução dos Direitos Humanos	10 mn	.apresentação em powerpoint, com base no Manual acompanhada de diálogo	. diálogo e participação dos alunos na proposta de reflexão pedida
			5. Evolução tem origem nos valores cristãos - ONU, UNICEF; DUDH	5 mn	. Filme sobre os direitos humanos	
			6. organizações da Igreja viradas para os mais carenciados	10 mn	posição de Jesus relativamente aos necessitados Filme peddy-paper https://drive.google.com/file/d/0BzX4rjzW0tMDM296aU1mRXZkQTQ/view?usp=sharing	
			7. Filme com base nas fotografias do Peddy-paper em Sintra			

Quadro 6 – UL1, Aula 6

A participação no Peddy-paper ajudou à relação com os alunos.

No início, depois do Sumário, os alunos pensaram, por filas, escrevendo no caderno, como completar as seguintes frases: Porque sou pessoa, tenho o direito a... / ...tenho o dever de.... Estabelecemos um diálogo, com base no que disseram.

Seguidamente, pus um filme sobre os Direitos Humanos, mas acabei por perceber que estava demasiado rápido e denso para que os alunos o conseguissem seguir com verdadeiro proveito. Ao interrompê-lo, mostrei uma apresentação com o friso cronológico que vem no manual, pgs. 30 e 31, onde assinalei o nascimento de Cristo e, a título de curiosidade, a abolição da escravatura em Portugal. Lemos, nas páginas 38 e 39, como os mais fracos são os preferidos de Jesus.

Fizemos uma avaliação do Peddy-paper, seguido de um pequeno filme em Movie-maker com as fotografias do mesmo. Gostaram bastante do vídeo, que serviu também como avaliação do momento como, na sua globalidade, um tempo forte de encontro entre os alunos e professores, de forma lúdica e descontraída, proporcionando relações mais próximas e positivas.

Como síntese, reflectimos que os direitos humanos são uma construção da humanidade com origem nos valores cristãos.

6.7. Aula 7

Esta aula foi uma continuação e sedimentação da anterior, em que a meta continuou a ser “conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade” e o objetivo “identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana”.

Nível: 6º Ano		Unidade Letiva 1: A pessoa humana.				
23 de novembro	Lição n.º: 7	Sumário: Direitos e deveres da pessoa humana. Organizações de defesa dos direitos humanos.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
G. Identificar os valores evangélicos I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana	Jesus na defesa dos Direitos Humanos, sobretudo da criança Contributo de organizações de Igreja	1. Sumário (<i>lembrar teste próxima aula</i>) 2. Ficha personalizada de reflexão sobre as atitudes em aula e os conteúdos anteriores, fazendo a ponte para a centralidade de Jesus na defesa dos direitos (a partir de Mt 19, 13-15) 3. Diálogo sobre as fichas e posterior recolha 4. Livro – pg. 38 e 39: posição de Jesus relativamente aos necessitados 5. Registo de Síntese 6. Filme sobre os direitos das crianças, feito no ano anterior por eles https://youtu.be/ZyKju4CkKtU	5 mn 10 mn 10 mn 10 mn 5mn 5 mn	caderno de registos .quadro Fichas personalizadas (Anexo VII) . Livro, pgs 38 e 39 . Caderno de registos	. empenho no trabalho proposto . diálogo e participação dos alunos na proposta de reflexão pedida

Quadro 7 – UL1, Aula 7

Escrevemos o sumário e, no quadro, escrevi um aviso sobre a ficha de avaliação na aula seguinte.

Comecei a aula com uma ficha personalizada, em que fui buscar a frase que cada um usou sobre “ser pessoa” ou algum tema que tivesse abordado no diálogo entre mim e esse(a) aluno(a) – houve vários, informais e simpáticos, no dia do Peddy-paper (ver Anexo VII) . A ficha continuava com uma proposta de avaliação sobre a atitude do aluno na aula e aquilo que gostaria de melhorar, a avaliação do peddy-paper, no caso de o aluno ter ido e algumas questões sobre a pessoa humana e os valores de Jesus na base da defesa dos direitos humanos, sobretudo os das crianças. seguindo-se um diálogo sobre aquilo que tinham escrito.

No final, passei um filme que os alunos da disciplina tinham feito no ano anterior sobre os direitos humanos. Não recolhi, propositadamente, as fichas, no final, frisando que os testes incidiriam sobretudo sobre os temas das fichas, para além do resto que tínhamos focado nas aulas anteriores.

Como síntese, ficou que os direitos humanos são uma construção da humanidade onde encontramos os valores de Jesus.

6.8. Aula 8

Nesta aula, comecei por distribuir as fichas de avaliação sumativa, (ver Anexo VIII).

Nível: 6ºAno	Unidade Letiva 1: A pessoa humana.					
30 de novembro	Lição nº: 8	Sumário: Ficha de avaliação. Elaboração de um trabalho sobre os Direitos Humanos.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	6. perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano	Deus estabelece com todos uma relação pessoal	1. Sumário	5 mn	. caderno de registos	Ficha de avaliação sumativa empenho no trabalho proposto
G. Identificar os valores evangélicos		Direitos e deveres da pessoa humana	2. Ficha de avaliação sumativa	25 mn	Ficha de avaliação sumativa (Anexo VIII)	
I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana	Jesus na defesa dos Direitos Humanos, sobretudo da criança	3. Desenho da própria mão numa folha colorida, para posteriormente colar uma cópia de um Direito Humano	10 mn	Folhas coloridas (amarelas e cor de laranja)	
			5. Elaboração de pequenas mensagens para o professor sobre a disciplina, no caso dos alunos que terminaram primeiro	5 mn		

Quadro 8 - UL1, Aula 8

Cada aluno, após terminada a ficha, recebia uma folha de papel amarela ou cor-de-laranja, onde desenhava a sua mão e onde colava uma cópia de um dos direitos humanos para, na aula seguinte, colar as mãos em redor de um desenho do mundo, para ser afixado na Biblioteca, a fim de assinalar a data comemorativa da Declaração dos Direitos Humanos, com a participação dos alunos de EMRC.

Aqueles que terminaram mais cedo, receberam ainda um rectângulo de papel colorido, onde eram convidados a escrever uma mensagem sobre as aulas, ou um texto ao seu gosto, sem preocupação de que fosse para avaliar – isto com o objetivo de não haver tempos mortos, mas que funcionou também de forma a ajudar a estabelecer maior diálogo com alguns alunos.

As folhas com as mãos foram recolhidas, para ser posteriormente recortadas e afixadas (pelos próprios alunos) no início da aula seguinte. Como síntese, ficou: a pessoa humana, ser em relação com Deus e com os outros, portador de direitos e deveres.

6.9. Aula 9

Nesta aula, os alunos começaram por ir à Biblioteca, para colocar as mãos recortadas com os direitos humanos colados em cada uma, à volta de um desenho do mundo (ver Anexo 13). Foi assim assinalada, pelos alunos de EMRC da Escola de Santo António, a comemoração da Declaração dos Direitos Humanos.

Nível: 6ºAno		Unidade Letiva 1: A pessoa humana.				
7 de dezembro	Lição nº: 9	Sumário: Entrega e correção da ficha de avaliação. Continuação do trabalho sobre os direitos humanos. Preenchimento de uma ficha de identificação. Preparação do Natal – João Batista, José e Maria.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. G. Identificar os valores evangélicos I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	6. perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano 4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana	Deus estabelece com todos uma relação pessoal Direitos e deveres da pessoa humana Jesus na defesa dos Direitos Humanos, sobretudo da criança	1. Sumário 2. Colocação das mãos coloridas em volta de um mundo desenhados em papel de cenário, colocado numa parede da Biblioteca da Escola 4. Ensaio de uma canção de Natal para o último dia de aulas, em colaboração com a Irmã Linda 3. Correção da ficha de avaliação 4. Preenchimento de uma pequena ficha de identificação dos alunos 5. Reflexão sobre as principais figuras que nos ajudam a preparar a vinda de Jesus – João Batista, José e Maria e síntese - Canção com a história da Anunciação	5 mn 5 mn 5 mn 15 mn 5 mn 10 mn	. caderno de registos Mundo em papel de cenário e mãos colocadas em volta com cópia dos Direitos Humanos (Anexo IX) - Viola Ficha de avaliação sumativa e caderno de registos - quadro, caderno de registos - viola	Realização da correção no caderno . colaboração no trabalho proposto . empenho no trabalho proposto

Quadro 9 – UL1, Aula 9

À medida que iam chegando à sala de aula, os alunos iam-se sentando nos seus lugares e aprendendo uma canção de Natal, para cantar no último dia de aulas.

Isto ajudou a que não houvesse demasiada agitação com o movimento que necessariamente se verificou. Depois, os alunos preencheram uma ficha de identificação individual, com o objetivo de perceber melhor a sua realidade.

Em seguida foi feita a correção da ficha de avaliação sumativa, tendo cada aluno de tomar nota das respostas que não tinha tido certas.

Uma vez que a aula seguinte seria substituída por um almoço de Natal, abordámos a preparação para o mesmo com as figuras de João Batista, José e Maria. Parti de perguntas aos alunos, com registo de alguns tópicos no quadro.

A história da Anunciação foi contada a cantar, com música e letra de um antigo aluno meu e os alunos ouviram atentamente, repetindo a mensagem com toda a clareza, depois de questionados.

Como síntese, continuámos com a pessoa humana, ser em relação, portador de direitos e deveres e ainda, o modo como preparamos a chegada de Jesus.

7. De regresso à leccionação – diferenças na planificação

Ao ter a oportunidade de lecionar novamente esta Unidade Letiva, foi possível introduzir algumas diferenças na planificação, motivadas pela reflexão feita ao longo do ano de Prática de Ensino Supervisionada.

O texto bíblico não é utilizado e aprofundado em todas as aulas, pelo que referirei apenas aquelas cuja planificação alterei nesse sentido. Não começo pela primeira, pois trata-se de uma apresentação pessoal e não utilizo textos bíblicos na mesma. Mencionarei apenas as aulas números dois, três, quatro, cinco, e sete, pois as últimas também não sofreram alteração nesse aspeto.

Os quadros que junto, são apenas os que foram alterados, aparecendo as mesmas alterações destacadas, para melhor facilitar a leitura.

7.1.Aula dois

Nível: 6ºAno		Unidade Letiva 1: A pessoa humana				
12 de outubro		Lição nº: 2	Sumário: Ser pessoa. As três dimensões da pessoa humana.			
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único, que vive em relação com os outros.	A pessoa humana. Origem da palavra pessoa – persona. Ser pessoa é ser em relação. As três dimensões da pessoa humana: a biológica, a social e a espiritual.	1.Sumário 2.Acolhimento e pequeno diálogo - entrega dos papelinhos com o que escreveram sobre ser pessoa, para colar no caderno. 3. Dar também as regras, materiais e sugestões para a disciplina 4. Pedir 3 voluntários para segurarem em 3 imagens (coladas em cartolina) – depois colá-las no quadro com bostik 5. Um aluno lê a frase do profeta Isaías (43, 1) num dístico. Procurar quem disse, onde, quando. - diálogo sobre o amor de Deus	5 mn 5 mn 10mn 5 mn 5 mn 5mn	caderno de registos . registos – ser pessoa - regras . quadro: as 3 dimensões da pessoa humana . 3 fotografias - planta - animal - pessoa a rezar (Anexos I, II e III) Dístico com a frase de Isaías manual, página 14 - Ser pessoa é ser em relação	.participação na aula . empenho nas tarefas propostas

Quadro 10 - UL1, aula2

Nesta aula, após a apresentação das frases de cada um sobre o que é “ser pessoa”, um dos alunos vem buscar um dístico com as frases “Chamei-te pelo teu nome,

tu és meu. Não tenhas medo, Eu estou contigo.” Como se fossem repórteres, procuram descobrir quem disse, há quantos anos e onde está escrito.

A alteração feita tem como objetivo provocar a curiosidade e através dela a descoberta, feita simultaneamente com diálogo, que se segue ao fato de cada um ter sido valorizado, por ter recebido impressa a sua própria frase digitalizada.

7.2.Aula três

Nesta aula, após a motivação para a descoberta da “água que dá a vida” através do visionamento da apresentação “O País dos Poços” (Edições Carmelo), é proposta aos alunos uma reflexão sobre essa mesma água, para introduzir o texto do encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4, 1-10), que surge nas pgs. 24 e 25 do Manual e será posteriormente dramatizado por vários alunos.

Nível: 6ºAno		Unidade Letiva 1: A pessoa humana				
19 de outubro		Lição nº: 3 Sumário: As dimensões da pessoa humana – continuação. A importância da dimensão espiritual.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. identificar as diferentes dimensões da pessoa, valorizando a dimensão com o transcendente	Aprofundamento das três dimensões da pessoa humana, relevando a espiritual	1. Sumário 2. Recordar as dimensões e começar por ler características biológicas sublinhadas, pg. 16 Manual 3. Escrevem os nomes e trocam entre eles (em cima das mesas) 4. Diálogo sobre a importância do nome na família e no grupo de amigos – dimensão social 5. Atividade sobre as diferentes formas de comunicação (pg.21) 6. Visionamento da apresentação – O país dos poços - a pares, no caderno, escrevem sinónimos para esta água 7. Ouvir as respostas e concluir com a importância da “água viva” que vem de Deus 9. Jo 4, 1-10 – encontro de Jesus com a mulher samaritana - dramatização	10 mn 5 mn 5 mn 5 mn 10 mn 10 mn	caderno de registos . Manual, pg. 16 . diálogo https://www.youtube.com/watch?v=cA2zuHfT9K0 .cadernos de registos . Manual, pg. 23 -Manual, pgs. 24 e 25	.participação na aula . participação no diálogo . empenho nas tarefas propostas

Quadro 11 – UL1, aula três

7.3.Aula cinco

Na aula anterior, o trabalho que faço com o texto bíblico é semelhante ao da planificação anterior. Nesta aula, introduzo um aprofundamento maior do Salmo 139 (138), comparando-o com um poema que foi escrito e cantado com inspiração no mesmo e ligando-o com o apelo de S. João na Carta (1Jo 4, 7-21), que continuamos a aprofundar, deste modo.

O objetivo é despertar o sentido da alegria e do louvor, recordando que os Salmos foram escritos para serem cantados, envolver os alunos nesse louvor e, através da beleza dos textos, motivá-los para irem um pouco mais longe no seu aprofundamento.

Nível: 6ºAno		Unidade Letiva 1: A pessoa humana.				
2 de novembro	Lição nº: 5	Sumário: Deus é pessoa e estabelece uma relação pessoal com cada um. Como somos. Ele diz-nos isso na Palavra.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
E. Identificar o núcleo central do Cristianismo e do Catolicismo	6. perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano	Deus estabelece com todos uma relação pessoal	1. Acolhimento – nomes (e turma) de cada um em cima das mesas para se sentarem e sumário 2. Recordar carta de S. João (aula anterior, síntese) – Deus é amor 3. Leitura dos versículos de Isaías 4. Pequena ficha em que cada um escreve uma característica sua e uma que goste nas outras pessoas 5. Recolha das características e afixação num diapositivo projectado com a forma de mundo 6. Poema “Conta as estrelas do céu” – inspirado no Salmo 139, do Padre Nuno Tovar de Lemos, SJ - sublinham a frase que mais gostam 7. Descobrem a semelhança com o Salmo, no Manual - reflexão sobre o conhecimento interno que Deus tem de cada um e o Seu amor, ligando com 1Jo 4	5 mn 10 mn 5 mn 5 mn 5 mn 5 mn 10mn	. usb com sumário e apresentação . Bíblia . diálogo da Maria e do Miguel digitalizado . Fichas para os alunos . continuação da apresentação . Poema policopiado (Anexo VI) - viola . Manual, pg 43	. empenho no trabalho proposto . diálogo e participação dos alunos na proposta de reflexão pedida . Participação na elaboração da tarefa proposta . diálogo e participação dos alunos na tarefa proposta

Quadro 12 – UL1, aula 5

7.4. Aula sete

Esta aula pode ser bastante importante para os alunos perceberem como Jesus está especialmente presente nos Direitos Humanos, que são abordados na aula anterior. O texto bíblico aqui é relacionado, em primeiro lugar com cada um deles, identificando-os como crianças – a ficha personalizada desempenha aqui um papel importante, pois nela vai uma interpelação pessoal e também o texto de Jesus com as crianças.

São depois introduzidos textos sobre os mais fracos, através do quadro e do Manual, sensibilizando cada um para a atitude de Jesus e da Igreja. Finalmente, são convidados a envolverem-se eles mesmos, refletindo e relatando situações imaginárias, nas quais procuram posicionar-se do mesmo modo que Jesus.

Nível: 6ºAno		Unidade Letiva 1: A pessoa humana.				
23 de novembro	Lição nº: 7	Sumário: Direitos e deveres da pessoa humana. Organizações de defesa dos direitos humanos.				
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Materiais	Instrumentos de Avaliação
G. Identificar os valores evangélicos I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção da dignidade humana	Jesus na defesa dos Direitos Humanos, sobretudo da criança e dos mais fracos Contributo de organizações de Igreja	1. Sumário 2. Ficha personalizada de reflexão sobre os conteúdos anteriores, fazendo a ponte para a centralidade de Jesus na defesa dos direitos (a partir de Mt 19, 13-15) 3. Diálogo sobre as fichas e posterior recolha 4. Leitura da Cura de um leproso (Lc 5, 12-13) 5. Livro – pg. 38 e 39: posição de Jesus relativamente aos necessitados 6. A pares, distribuição de vários relatos de carências, que têm de relatar aos outros, imaginando e dizendo o que acham que Jesus faria	5 mn 10 mn 5 mn 10 mn 10 mn	caderno de registos quadro Fichas personalizadas (Anexo VII) Imagem e texto Lc 5, 12-13 Manual, pgs 38 e 39 Caderno de registos	. empenho no trabalho proposto . diálogo e participação dos alunos na proposta de reflexão pedida

Quadro 13 – UL1, aula 7

CONCLUSÃO – A PALAVRA DE DEUS COMO PERMANENTE APELO À COMUNICAÇÃO E À RELAÇÃO

Através das reflexões feitas, creio ter ficado especificado como, através da Sua Palavra, Deus comunica connosco, convidando-nos a uma relação muito pessoal e próxima, convidando-nos à intimidade e à descoberta da Sua presença no mais íntimo do nosso ser, onde radica a vocação e missão pessoal de cada um.

“Meditar em silêncio, com o texto, procurando o que ele quer dizer para mim, é fazer falar os seus silêncios; é atualizá-lo e assumir que ele tem a ver com a minha pessoa”¹⁰⁴

Tanto o Salmo 139 (138) como 1Jo 4, 7-21, nos posicionam de modo muito específico e concreto nessa comunicação e relação tão especial com Deus, orientando-nos num entendimento muito particular e pessoal, ao mesmo tempo aberto ao acolhimento e partilha do amor de Deus.

“O movimento do «ontem» para o «hoje» intenta descobrir a mensagem espiritual que Deus nos quer comunicar hoje por meio do texto de ontem.”¹⁰⁵

Na prática lectiva, ao trabalhar esses mesmos textos, o objectivo é continuar a atualizá-los com cada uma das pessoas que somos chamados a acolher em sala de aula, ajudando os nossos alunos a procurar no seu interior essa mesma mensagem.

Esta Unidade Letiva aponta para algo que está no cerne da mensagem e vivência religiosa: a necessidade de nos “olharmos” como pessoas humanas, para nos podermos “ligar” uns aos outros verdadeira e internamente, e assim ligar-nos simultaneamente a Deus, que Se fez “homem e veio habitar connosco”(Jo 1,14). A maravilha da Encarnação, desse Mistério incompreensível que não cessa de nos remeter para o aprofundamento cada vez maior da realidade que temos dentro de nós, impele-nos, como professores de EMRC, a ajudar os nossos alunos nessa busca, a dar-lhes pistas para descobrirem que são portadores de uma espiritualidade, na qual podem vir a encontrar a origem e sentido da Vida.

¹⁰⁴ A. VAZ, “Entender a Bíblia, viver a Palavra” *Com o método da lectio divina*, Edições Carmelo, 2004, pg. 9.

¹⁰⁵ A. VAZ, “Entender a Bíblia, viver a Palavra” *Com o método da lectio divina*, Edições Carmelo, 2004, pg. 9.

Através desta Unidade Letiva, procuramos mostrar aos alunos o que é a integralidade da pessoa humana, antes de chegarem à adolescência; sublinhar que ser moral e ser religioso faz parte da pessoa. Lutamos contra a indiferença religiosa, contra a não estruturação de uma posição pessoal perante o religioso.

Na avaliação que faço, sobre a leccionação da Unidade Letiva 1 do 6ºAno e relativamente ao Programa, gosto bastante da forma como ela nos é apresentada, possibilitando-nos aprofundar alguns pontos importantes relativos à cultura cristã. As diferentes vertentes da Pessoa Humana, do seu desenvolvimento e crescimento nas mais diversas áreas, possibilitam um enriquecimento da forma como se trabalham estes conteúdos, chegando à noção de que a cultura expressa e comunica grandes experiências espirituais e profundas aspirações para proveito da humanidade (GS 53).

No entanto, ao falar dos Direitos Humanos, parece-nos que a Pessoa de Jesus Cristo fica demasiado apagada no friso cronológico, assumindo um papel pouco relevante no que concerne à importância que realmente tem, pelo que entendo que este item deveria ser mais trabalhado. Creio que talvez seja possível buscar maior fundamento na Sagrada Escritura para este ponto concreto. Da minha parte, poderia ter encontrado um modo de o fazer, optando por outro caminho em que os alunos se tivessem sentido mais implicados.

Entendo que esta é uma Unidade fundamental no percurso dos alunos em EMRC, pois leva-os a reflectir sobre si próprios como pessoas, encarando a existência de uma dimensão espiritual que os abre ao transcendente. Entendemos que poderá ir mais longe a nível de textos bíblicos, embora exista também a possibilidade de trabalhar mais profundamente aqueles que são propostos, remetendo-os, sobretudo, para a Pessoa de Jesus Cristo e a Sua relevância na promoção da dignidade humana.

Concluo, encarando como um desafio a apresentação da Sagrada Escritura, dos seus textos e das suas mensagens, vendo-a como ponto de partida essencial para o trabalho que se pretende desenvolver no âmbito da cultura espiritual e religiosa dos nossos alunos, aprofundando sempre a sua dimensão no âmbito da comunicação e relação.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 1998

I – DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, Paulinas Editora, Lisboa, 2006.

-----, Exortação Apostólica *Verbum Domini*, Paulinas Editora, Lisboa, 2010.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, Editorial A.O., Braga, 1992.

-----, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, Editorial A.O., Braga, 1992.

FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, Paulinas, Lisboa, 2013.

-----, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, Paulus Editora, Lisboa, 2018.

II – DOCUMENTOS CURRICULARES E LEGISLATIVOS

Declaração Universal dos Direitos Humanos, 10 de dezembro de 1948

Projeto educativo do Agrupamento de Escolas de Parede, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 23 de abril de 2015

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensinos Básico e Secundário*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade, nn. 10 e 11, Fátima, 27 de abril de 2006.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Estou contigo!*, manual do 6º ano de EMRC, SNEC, Moscavide, 2015.

-----, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.

III – ESTUDOS E MONOGRAFIAS

AMBROSIO, J., *Dimensão Religiosa e Condição Humana*. Documento não publicado. Texto de apoio à disciplina de “Didática Específica de EMRC”. Faculdade de Teologia de Lisboa, UCP, 2015.

ARENDS, R. I., *Aprender a ensinar*, Editora McGraw-Hill Companies, 2008.

AZEVEDO, J., *Avenidas de Liberdade - Reflexões sobre Política Educativa*, Edições ASA, Porto 1994.

BARRETT, C. K., *Essays on John*, Philadelphia: Westminster, 1982.

BLACK, C. C., “1John 4: 13-21, By this we know that we abide in God and God in us”, Volume XII, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1998.

-----, “Love is what God through Jesus Christ has given the church to know about God and to communicate to others”, Volume XII, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1998.

BORING, E., “Matthew 5:3-12, The Beatitudes”, Volume VIII, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1995.

CHERKAOUI, M., *Sociologia da Educação*, Publicações Europa América, s.d.,1994.

CLIFFORD, R.J.,Exodus (1:11-3:12), *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy,The Bath Press Avon, 1996.

----- ; MURPHY, R. E., “The Flood and the Renewed Blessing”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy, The Bath Press Avon, 1996.

COUTURIER, J.P. , “Jeremiah (1:1-17)”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy, The Bath Press Avon, 1996.

CULPEPPER, R.A., “Luke 11:37-54, Woes to the Pharisees and Lawyers” Volume IX, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

-----, “Luke 19:1-10, Zacchaeus, a Son of Abraham” ,Volume IX, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

FRETHEIM, T. E. , “Genesis 2: 4-25, Another look at Creation”, Volume I , *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994.

-----, “Genesis 11:27- 12:9, The Call of Abram”, Volume I, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994.

-----, “Genesis 6: 5-8:22, The Flood: the Great Divide”, Volume I, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994.

-----, “Genesis 3: 1-24, The intrusion of Sin”, Volume I , *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1994.

HARRINGTON, D. J., “Mark (6:23-44)”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy, The Bath Press Avon, 1996,

KARRIS, “Luke (11: 4-41), *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy , The Bath Press Avon, 1996,

KSELMAN, J.S., “Psalms (Introduction)” , *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy, The Bath Press Avon, 1996.

-----, “Psalms (1-4)”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy, The Bath Press Avon, 1996.

-----; BARRÉ, M. L. ,“Psalms”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy, The Bath Press Avon, 1996.

MCANN JR., J.C., “The Psalms and The New Testament” Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

-----, “Psalm 1: 1-6, Delight in God’s Teaching”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

-----, “Psalm 6:1-10, O Lord – How Long?”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

-----, “The psalmist’s origin and destiny lie with God”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

MACKENZIE, R. A. ; MURPHY, R. E., ,“Job’s final response”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy, The Bath Press Avon, 1996.

MARTINS, O., *Rezar imprecações? O sentido da imprecação do Salmo 139 e a sua utilização na oração dos cristãos*, Estudos Teológicos, Coimbra, ISSN0873-6588, Ano 5, (2001)

MELO, L. R, *Se tu soubesses o dom de Deus*, Co-edição Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, Editorial Apostolado da Oração, Lisboa, 2006.

MENDONÇA, J. T. “Toda a Bíblia é comunicação”, *Bíblia e comunicação*, Lisboa, ,Ano 2, nº2, (maio de 94). Conferência proferida na VI Semana Bíblica Diocesana do Funchal, 6-10 setembro de 1993.

MILLER , P. D. JR, “From beginning to end it is ‘I’ and ‘you’” , *Interpreting the Psalms*, Philadelphia: Fortress, 1986 .

MILLER, P. D., “Jeremiah 1:4-19, The Call of Jeremiah” Volume VI , *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 2001.

NEWSOM, C. A., “Job 42:1-6, Job’s Response”, Volume IV, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

O’DAY, G. R., “John 15:1-17, «Abide in My Love»”, Volume IX, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

-----, “John 4:4-42, Jesus in Samaria”, Volume IX, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 1996.

PERKINS, P., “The Johannine Epistles”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, et al., The Bath Press Avon, 1996.

RAVASI, G., *Guía espiritual del Antiguo Testamento, El libro del Génesis (1-11)*, Editorial Herder S.A. Barcelona, 1992.

TUCKER, G. M., “Isaiah 6:1-13, Isaiah’s Commission” Volume VI, *The New Interpreter’s Bible*, Abingdon Press, Nashville, 2001.

VAZ, A. S., *Entender a Bíblia, viver a Palavra, Com o método da lectio divina*, Edições Carmelo, 2004.

-----, *Palavra viva, Escritura poderosa, A Bíblia e as suas linguagens*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013.

VIVIANO, B.T., “Matthew (5:3-16)”, *The New Jerome Biblical Commentary*, - 2nd Ed., Editors Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer, Roland E. Murphy, The Bath Press Avon, 1996.

IV – WEBGRAFIA

BENTO XVI, Audiência Geral de Quarta-feira, 28 de Dezembro 2005, 3
(in: http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiencias/2005/documents/hf_ben-xvi_aud_20051228.html).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*
(in: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>).

Opere di Sant'Agostino, Esposizione sui Salmi, sul Salmo 138, Ed. Città Nuova, Roma, 1990.

(in: http://www.augustinus.it/italiano/esposizioni_salmi/index2.htm).

Opere di Sant'Agostino, Commento al Vangelo di S. Giovanni e alla Prima Epistola di S. Giovanni, Ed. Città Nuova, Roma, 2012.

(in: http://www.augustinus.it/italiano/commento_lsg/index2.htm).

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO I (Aula 2)	80
ANEXO II (Aula 2)	80
ANEXO III (Aula 2)	81
ANEXO IV (Aula 6)	82
ANEXO V (Aula 7)	85
ANEXO VI (Aula 5)	86
ANEXO VII (Aula 6)	87
ANEXO VIII (Aula 8)	89
ANEXO IX (Aula 9)	93

Anexo I



Anexo II



Anexo III





SER AUTENTICO

6º ANO - EMRC O SER E O TER – DISTINGUIR, EXPLICAR!

A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM

- Criar imagem aparente de nós mesmos que procuramos transmitir aos outros,
- A partir de modelos que a sociedade cria:
- Exemplo: A moda



○ SENTIR-SE BEM E A VAIDADE

□ ○ “Parecer” diante dos outros, é bom:

□ ○ arranjarmo-nos exteriormente:

□ Mas o que nos faz mesmo...

- ...Sentirmo-nos bem connosco próprios é aceitarmo-nos como somos, porque sabemos que Deus nos ama assim mesmo! E está no nosso coração, se ○ deixarmos entrar.



○ SENTIR-SE BEM E A VAIDADE

□ Isto não pode ser confundido com vaidade:

□ Ser vaidoso:

- é ser fútil, superficial
- viver quase exclusivamente para a sua imagem exterior.



O QUE É UMA VIDA AUTÊNTICA?

- Ser genuíno e autêntico:

- Relacionando-nos com os outros;

- Sendo nós próprios;



- **CADA PESSOA VALE PELO QUE É E NÃO PELO QUE TEM. DEUS AMA-ME COMO SOU. COMO LHE AGRADEÇO?**

SENDANDO...

- Bom para os outros
- Contribuir para a preservação do planeta
- Ser humilde
- Saber amar
- Respeitar os outros

Anexo V

É preciso amar, pois Deus é amor

7*Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus.

8*Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor.

9*E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida.

10*É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.

11*Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros.

12*A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós.

13Damos conta de que permanecemos nele, e Ele em nós, por nos ter feito participar do seu Espírito.

14*Nós o contemplámos e damos testemunho de que o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo.

15*Quem confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus.

16*Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

17*É nisto que em nós o amor se mostra perfeito: em estarmos cheios de confiança no dia do juízo, pelo facto de sermos neste mundo como Ele foi.

18No amor não há temor; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o temor; de facto, o temor pressupõe castigo, e quem teme não é perfeito no amor.

19*Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro.

20*Se alguém disser: «Eu amo a Deus», mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.

21*E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão.

Anexo VI



Anexo VII



A. R.:

Quando escreveste o que era para ti ser pessoa, disseste algo de verdadeiramente fantástico: “Ser pessoa é ser útil para os outros.” Isso é o fundamento de uma vida com sentido, o que dá verdadeiro sentido à vida – Afonso, tens revelado uma grande profundidade nas tuas observações e uma participação francamente positiva nas aulas, melhorando cada vez mais a tua atitude e postura. Creio que estás de parabéns.

Afonso, gostava que pensasses e respondesses:

1. Quais são as três coisas que te parecem mais importantes para o bom funcionamento de uma aula?

.....
.....

2. Da tua parte, que te parece que podes melhorar?

.....

3. No dia em que fomos a Sintra, o que é que gostaste mais?

.....

4. E o que é que gostaste menos?

.....

No outro dia, estivemos a pensar nos Direitos e deveres que temos por sermos pessoas. Gostava mesmo de ter a tua opinião escrita sobre estas duas coisas. Peço que completes estas duas frases:

1. Porque sou pessoa, tenho o direito a
2. Porque sou pessoa, tenho o dever de



Afonso, outro dia cantámos uma canção feita com base num Salmo da Bíblia, que nos fala do enorme amor de Deus por nós. Para Ele, os mais próximos são os mais fracos, os mais doentes, os mais pobres, os que mais precisam.

1. Deus é Pessoa, porque “Ser pessoa é ser em relação” e Deus estabelece uma connosco porque nos ama muito.
2. Ninguém lutou pelos Direitos Humanos como Jesus, porque ninguém ama tanto como Ele nos amou.

Afonso, pareceu-me, no dia do Peddy-paper, que gostas bastante de conviver com os amigos. Também gostas de conversar com os adultos. Falámos das eleições nos Estados Unidos, lembras-te? Depois de leres este texto, tenho uma pergunta a fazer-te:



Do Evangelho de S. Mateus:

“ ¹³Apresentaram-lhe, então, umas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas, mas os discípulos repreenderam-nos.

¹⁴Jesus disse-lhes: «Deixai as crianças e não as impeçais de vir ter comigo, pois delas é o Reino do Céu.» ¹⁵E, depois de lhes ter imposto as mãos, prosseguiu o seu caminho.”

A minha pergunta é: que lugar é que Jesus dá às crianças?.....

Anexo VIII

Teste 1º Período 6º Ano



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE – ESCOLA BÁSICA DE SANTO ANTÓNIO

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

FICHA DE AVALIAÇÃO - 6º ANO – 1º PERÍODO

Nome: _____ Nº _____

Turma _____

Data: 30/ 11 / 2015 – Classificação _____ Prof. _____ E.E. _____

I. LÊ COM ATENÇÃO E SUBLINHA A RESPOSTA CORRETA EM CADA UMA DAS QUESTÕES:



1. A pessoa humana é constituída por:

- a) Três dimensões fundamentais: a biológica, a interativa e a social.
- b) Duas dimensões fundamentais: a biológica e a espiritual.
- c) Três dimensões fundamentais: a divertida, a social e a espiritual.
- d) Três dimensões fundamentais: a biológica, a social e a espiritual.

2. A dimensão biológica:

- a) é a que distingue os homens dos animais.
- b) faz de cada ser humano um ser com características únicas.
- c) é a mesma coisa que a dimensão espiritual.
- d) consiste na capacidade de tomar decisões livres e agir sobre o mundo.

3. A característica que distingue os homens dos animais:

- a) é a dimensão espiritual.
- b) é ser mais alto.
- c) é viver mais anos.
- d) é a dimensão social.

4. O aspeto central da vida espiritual é:

- a) a capacidade de amar.
- b) a capacidade de ver.
- c) a capacidade de respirar.
- d) a capacidade de se deslocar.

II. ENCONTRA NA SOPA DE LETRAS 7 PALAVRAS QUE CARATERIZEM UMA PESSOA AUTÊNTICA E TRANSCREVE-AS:

- 1- HONESTA
- 2- SIMPLES
- 3- SINCERA
- 4- ALEGRE
- 5- LEAL
- 6- VERDADEIRA
- 7- INTEGRAL

Q	K	A	L	H	O	N	E	S	T	A
R	N	W	Y	W	H	W	Q	I	Z	G
U	W	K	P	Q	X	Q	P	M	M	W
W	G	I	Q	T	W	V	P	P	U	W
S	I	N	C	E	R	A	W	L	W	C
W	R	T	W	K	K	L	V	E	W	O
U	W	E	K	A	U	E	U	S	X	E
Q	K	G	W	W	W	G	W	Q	W	R
W	Z	R	L	X	X	R	X	W	U	E
X	W	A	W	Q	L	E	A	L	W	N
Q	W	Q	W	W	R	F	G	T	W	T
V	E	R	D	A	D	E	I	R	A	E

III. COMPLETE, ESCOLHENDO AS PALAVRAS CERTAS DO QUADRO ABAIXO:

A mensagem bíblica afirma a convicção de que Deus é _____, porque estabelece uma _____ pessoal com cada um de nós. Nos vários relatos bíblicos, _____ manifesta-se ao ser _____, declara que o _____ e deseja a sua _____.

humano	cómico	pessoa	relação	
ama	história	Deus	felicidade	interesse
intervenção	Pai	leitura	objetividade	

IV. ESCREVE VERDADEIRO (V) OU FALSO (F) À FRENTE DAS SEGUINTE FRASES:

1. Por sermos pessoas, todos somos portadores de direitos e deveres.	
2. Por sermos pessoas, todos temos o direito de ser respeitados.	
3. Por sermos pessoas, não temos o dever de respeitar ninguém.	
4. Há muitos anos atrás, os direitos humanos não eram respeitados.	
5. Jesus não respeitava os direitos das crianças.	
6. Portugal foi o primeiro país a abolir a escravatura.	
7. A vivência da liberdade exige o respeito pelas diferenças dos outros.	



V. ESCRIVE AS PALAVRAS QUE FALTAM NAS SEGUINTE FRASES (EM CADA ESPAÇO, SÓ UMA PALAVRA):

1. A pessoa humana é um ser em _____, porque cada um se relaciona com os outros de maneira diferente e é isso que nos distingue.
2. Na Carta de S. João que lemos na aula, diz que devemos amar-nos uns aos outros, porque Deus nos _____ primeiro.
3. A liberdade de cada ser humano _____ onde a do outro _____.

VI. JESUS VEIO MOSTRAR-NOS QUE DEUS AMA TODOS.

1. Estás de acordo com esta frase? Justifica a tua resposta, dizendo o que achas sobre a maneira como Jesus olhava para as pessoas, sobretudo as crianças.



Anexo IX

